

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOÃO DANIEL DE LIMA SIMEÃO**

**DROGAS E O EXERCÍCIO DA RELIGIOSIDADE E DA CIDADANIA: O  
ENTENDIMENTO DOS GRUPOS RELIGIOSOS SOBRE O “PROBLEMA DAS  
DROGAS”**

Natal - RN

2017

**JOÃO DANIEL DE LIMA SIMEÃO**

**DROGAS E O EXERCÍCIO DA RELIGIOSIDADE E DA CIDADANIA: O ENTENDIMENTO DOS GRUPOS RELIGIOSOS SOBRE O “PROBLEMA DAS DROGAS”**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para conclusão de curso.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

Natal – RN

2017

**JOÃO DANIEL DE LIMA SIMEÃO**

**DROGAS E O EXERCÍCIO DA RELIGIOSIDADE E DA CIDADANIA: O ENTENDIMENTO DOS GRUPOS RELIGIOSOS SOBRE O “PROBLEMA DAS DROGAS”**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior  
UFRN  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Elaine Cristina Alves da Costa Savalli  
Estácio de Natal e SEEC - RN.  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Leilane Assunção da Silva  
UFRN  
(Examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus detentor da sublime sabedoria e Inteligência, por ter oportunizado concretizar esta conquista, segundo sua vontade e com sua inspiração.

Aos meus pais Raimundo Pacheco e Francisca Simeão por terem se dedicado a serem para mim exemplo de honestidade e luta para concretização dos sonhos, além de direcionarem para sempre agir pautado na ética e na justiça. A conquista da graduação é nossa!

Aos meus familiares, especialmente, minhas Tias Aliete Félix e Maria Félix, pelo carinho e incentivo.

Aos amigos(as), que somaram forças e, desta forma, mostraram que as angústias e aflições não podem ser maiores que a esperança e a força para lutar.

Aos colegas da turma de Ciências Sociais 2013.1 – Bacharelado, que foram de suma importância na maturação acadêmica e afetiva, assim como, na superação de desafios, especialmente, os do início de graduação.

Aos colegas do PIBID, que se tornaram verdadeiros parceiros e amigos dentro e fora das reuniões e intervenções.

Aos irmãos do Grupo de Oração O Libertador da RCC de Ceará-Mirim/RN, pelo apoio e relação familiar, que foi em muitos momentos espaço de motivação e inspiração.

Ao Ministério Universidades Renovadas – MUR, que me mostrou como unir a fé e a razão e que feliz é aquele que usa “todos os seus dons em favor do irmão” e motiva para “Que sejamos bons profissionais, sem cobiça, mas com Amor e Saber”. Ministério que prova com constância que é possível a construir a Civilização do amor.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Pró Reitoria de Pesquisa da UFRN (PROPESQ) pelo financiamento da bolsa de Iniciação Científica PIBIC IC nas cotas de 2014-2015 e 2015-2016. Que foi de suma importância para permanência na Universidade e para oportunizar o contato com a prática da pesquisa científica.

Ao professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior pelo apoio, incentivo e paciência dispensadas no período da Iniciação científica e durante a elaboração deste trabalho.

À professora Dra. Janaína Alexandra Capistrano da Costa (Universidade Federal do Tocantins) e ao professor Ms. Dannyel Bruno Herculano Rezende (Secretaria Estadual de Educação e Cultura - RN) pela orientação na iniciação à docência e à vida pessoal/profissional, exemplos de dedicação à ciência e amor para com a educação.

Aos professores desde o ensino Fundamental até Ensino Superior que mostraram o quão é prazeroso instigar nos discentes que podem ir muito além pela força da investigação e do saber.

Aos líderes religiosos que prontamente colaboraram com esta pesquisa.

A todos que direta e indiretamente colaboraram para que pudesse chegar a conclusão do curso.

*Os males da liberalização das drogas são menores que os da sua proibição.*

(Rubem Alves)

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo analisar as relações existentes entre valores religiosos e valores políticos presentes no discurso e na prática de grupos religiosos especificamente no que diz respeito ao “problema das drogas”. Assim como, as relações e desdobramentos oriundos a relação entre “drogas”, religião e cidadania. Arelado à reflexão teórica, que tem fundamentação teórica nos pensadores clássicos da Sociologia, historiadores e pesquisadores outros das áreas sociais aplicadas. Os dados empíricos foram colhidos por meio da aplicação de entrevistas feitas com 11 líderes religiosos, representando os segmentos Protestantes Tradicionais, Pentecostais, Igreja Católica Apostólica Romana e o Santo Daime. Pretendeu-se compreender o posicionamento que certas religiões assumem no tratamento dessa problemática atual de grande repercussão na esfera pública, visto que há forte tendência em associar “drogas” a concepções valorativas como vício e pecado, as quais se encontram intrínsecas formulações civilizatórias coerentes com a atual política proibicionista.

**Palavras-chaves:** Drogas; Religião; Cidadania; Proibicionismo.

## **ABSTRACT**

This monographic work has as objective to analyze the relationship between religious values and political values present in the discourse and practice of religious groups, specifically regarding the “drugs problem”. As well as to analyze the unfoldings arising from the relationship between “drugs”, religion and citizenship. Associated to the theoretical reflection, the empirical data were collected by the application of interviews with 11 religious leaders, representing the traditional Protestant, Pentecostal, Roman Apostolic Catholic Church and the Saint Daime segments. It was intended to comprehend the position that certain religions assume in the treatment of this actual problematic of great repercussion in the public sphere, since there is a strong tendency to associate “drugs” with valuation conceptions such as vice and sin, in which are intrinsic civilizational formulations coherent with the current prohibitionist policy.

**Key-Words:** Drugs; Religion; Citizenship; Prohibitionism.



## **LISTA DE SIGLAS**

AD – Igreja Assembleia de Deus

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICGM – Igreja Cristã Maravilhosa Graça

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

PROPESQ – Pró-Reitoria de Pesquisa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
Contextualização e delimitação do campo empírico .....	16
Imersão no campo: realização das entrevistas e visitas aos grupos religiosos. ....	18
<b>1. O DEMÔNIO DA “DROGA” OU A “DROGA” DO DEMÔNIO? AS INTEPRETAÇÕES RELIGIOSAS SOBRE O “PROBLEMA DAS DROGAS” ..</b>	<b>20</b>
1.1 Protestantismo Tradicional: Uma crítica à “demonização” do uso de psicoativos .....	21
1.2 Protestantismo Pentecostal: A ação de Maus Espíritos no uso de psicoativos	24
<b>2. “DROGAS” COMO VÍCIOS E DESCONTROLE: O ENTENDIMENTO RELIGIOSO PAUTADO NA IMAGEM DOS CORPOS INVOLÁVEIS .....</b>	<b>30</b>
2.1 Corpo fissurado e os efeitos dos vícios.....	34
2.2 A ação das “drogas” nas três esferas do homem: Corpo – Alma – Espírito....	38
<b>3. AS “DROGAS” COMO COMPLICADOR PARA O EXERCÍCIO PLENO DA CIDADANIA .....</b>	<b>40</b>
3.1 Os psicoativos e a concepção moral cristã.....	40
3.2 Desdobramentos da moral: Uso de “drogas” como desagregação familiar ....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

O uso de psicoativos tem sido debatido nos mais variados campos e espaços da sociedade de forma significativa no âmbito político e judicial; nas militâncias,<sup>1</sup> especialmente, propondo uma reflexão crítica frente às políticas de descriminalização das drogas, debatendo sobre as diferentes formas de uso de psicoativos, proibicionismo, redução de danos, níveis de violência, principalmente entre os jovens, entre outros temas.<sup>2</sup> Igualmente os grupos e instituições religiosas também têm se posicionado e se organizado a este respeito, formulando interpretações para o fenômeno do uso de psicoativos baseadas em suas doutrinas e princípios virtuosos. Isto numa sociedade que discute com constância a laicidade do Estado, sendo a questão das “drogas”<sup>3</sup> contemporaneamente um campo de incisiva participação religiosa.

Não pretendemos desenvolver uma sólida cronologia do uso de psicoativos, nem tampouco da política proibicionista, mas é pertinente perceber que o uso dos elementos alteradores da consciência data-se em dimensões milenares na humanidade, assim como, é antiga a forte ligação do tal uso ao contexto religioso. Percebemos isto em rituais, como nos grupos xamanísticos ou considerados primitivos, onde se tinha adoção sacramental de beberagens. Como explicita Frei BETTO (2013) a origem do uso de elementos psicoativos foi em rituais religiosos. Vemos este uso até mesmo nos grupos que hodiernamente desenvolvem forte visão negativa quanto ao uso de psicoativos, ou seja, nas práticas litúrgicas da cristandade, especialmente no catolicismo onde a matéria

---

<sup>1</sup> Um dos principais exemplos de grupos militantes que levantam o debate sobre o uso de “drogas” é a Marcha da Maconha, que tem ido às ruas e espaços de diálogos problematizando questões atreladas ao proibicionismo, legalização da drogas, descriminalização, a guerra contra as drogas que tem provocado grandes genocídios. Podemos citar também como exemplo a Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD), que se configura como uma rede de organizações que pensam e problematizam as questões de redução de danos, assim como, acompanha e garante a liberdade e autonomia dos usuários. Mais informações podem ser acessadas no site do grupo: <[pbpd.org.br/wordpress](http://pbpd.org.br/wordpress)>.

<sup>2</sup> As principais referências proibitivas são: Convenção Única das Nações Unidas sobre Entorpecentes de 1961, Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971 e Convenção sobre Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas de 1988. Em 2014, durante convenção em Viena, a ONU teria se posicionado de maneira informal a favor da descriminalização das drogas. Esta última informação encontra-se disponível em:< <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2014/03/08/onu-sugere-pela-primeira-vez-a-descriminalizacao-do-consumo-de-drogas.htm> >. Acesso em 05 de Junho de 2017.

<sup>3</sup> A palavra Drogas, assim como, Problema das Drogas será usada constantemente entre aspas, visto que este vocábulo porta em si significância pejorativa a respeito das substâncias alteradoras da consciência além de marginalizar seus usos, atrelado a uma compreensão de ilegalidade. Sendo assim, ao não sermos concordes com essa visão reducionista do contexto usaremos de forma diferenciada, chamando à ressignificação.

física para que seja transformado em sangue divino é um psicoativo, o vinho<sup>4</sup>. Antonio ESCOHOTADO (2008, p. 229-230), nos expõe, que:

se observa com mayor nitidez aún em el cristianismo, um culto misterico que adopta ceremonias de otros análogos, donde hasta comienzos del siglo IV la eucaristia conservó rasgos de *sacer myesterion* en sentido antiguo. Como em los ritos Baco, Attis, y Mietra, el vino fue considerado allí sangre divina.

O autor ainda retoma que, o uso de psicoativos como a *Cannabis* e o ópio, dentre outras substâncias, é encontrado ao longo da história da humanidade como elemento de consagração, sendo elogiado ou incentivado pelos especialistas religiosos envolvidos na liturgia e na direção dos mais diversos rituais. Ainda nesta contextualização é salutar perceber o paganismo da cultura greco-romana, onde era presente a noção de *pharmakón* cujo malefício é definido pela medida, e não na matéria em si, como disserta, nos direcionando até mesmo à noção de drogaria, que por sua vez, ainda tem notoriedade em nosso contexto atual TIBURI e COSTA DIAS (2013 p. 69-70).

Ainda segundo ESCOHOTADO (p. 227-249) a modernidade criou uma verdadeira cruzada contra as drogas amparada por valores cristãos disseminados, sobretudo, durante o período da Inquisição. Neste percurso do período inquisitorial em que se constrói a “caçada às bruxas” e as cruzadas. Os usuários de psicoativos, portanto, passam a serem considerados bruxos ao usufruírem o efeito dos elementos naturais como apacadores das dores, com propriedades analgésicas e até mesmo propiciando o relaxamento corporal, afrontando assim a filosofia religiosa da época que direcionava para o flagelo do corpo em benefício para a alma, especialmente, após a morte. O autor (2008, p. 331), disserta ainda que, “beberagens perigosas”, “unguentos diabólicos”, “ervas maléficas” constituíram tabus que recaíram sobre todas as drogas e a intensidade da interdição foi tal que se tornou impossível retomar um entendimento das drogas no sentido grego.

Diante disso, percebemos na contemporaneidade resquícios desta política de regramento dos corpos e das emoções nas práticas e orientações dos grupos religiosos, onde o uso de substâncias alteradoras da consciência é visto como gerador de

---

<sup>4</sup> Já no Protestantismo Tradicional e Pentecostal o vinho foi substituído pelo suco de uva, por coerência à política abstencionista, e com a justificativa que as crianças participem do rito eucarístico.

inquietações sociais. Deste modo, a esfera religiosa acabou por reforçar o imaginário proibicionista.

Em 1919, o Congresso dos Estados Unidos aprova a lei de fabricação e distribuição de bebidas alcoólicas, assim declara-se a “lei seca” dando margem à “guerra às drogas” e partir deste controle burocrático sobre os psicoativos cresceu drasticamente, chegando ao ponto de a maioria dos Estados declararem guerra contra as “drogas”, transformando seu consumo em crime. Nesse contexto, aparecem de forma colaborativa e também autoritária as instituições religiosas, especialmente as evangélicas norte-americanas de tradição puritana, através do discurso de que o uso e os efeitos embriagantes da bebida alcoólica são intervenções demoníacas na vida humana, onde esta política fora mais forte e a partir da onde se difunde para várias partes do mundo influenciando vários movimentos religiosos.

Sobre esta política caótica e polêmica, Júlio SIMÕES (2008, p. 17) discorre que:

A história da proibição de substâncias como a maconha, o ópio e a cocaína mostra uma confluência complexa de processos de estigmatização de populações e de conflitos geopolíticos entre potências capitalistas e coloniais na expansão de formas de controle internacional compulsório e cooperativo destinado a erradicar todos os usos de psicoativos que não fossem considerados médicos ou científicos.

Ainda com relação ao papel do país proponente desta política os autores expõem o quanto que este projeto dissemina a cultura xenófoba e intolerante, visto que, “o papel crucial do governo dos Estados Unidos nesse processo de regulamentação, enfatizando que a “guerra às drogas” norte-americana mobiliza, na verdade, uma cruzada contra grupos específicos: minorias raciais e sociais e populações excluídas dos mercados econômicos formais.” LABETE; FIORE; GOULART (2008, p. 28), sendo estes em sua maioria orientais e negros.

Ademais, podemos perceber esta política atuando como provocadora de extermínios de indivíduos integrantes dos grupos marginais, especialmente, em se tratando da população jovem e negra brasileira, como discorre Maria KARAN (2008, p. 105-120) ao criticar as limitações da Lei 11.343/2006.

No transcorrer das décadas, a ciência logrou assumir um papel simbiótico com o Estado moderno, enquanto perduraram os valores religiosos no tratamento das drogas. CARNEIRO (2008, p. 70 -71), explica essa relação nos seguintes termos:

O cristianismo já vinha se constituindo milenarmente como internalização dos controles sociais sobre o corpo e o espírito, numa evolução massiva do estoicismo, e se enfrentou com as antigas culturas extáticas, dionisíacas, zoroástricas ou shivaístas e com as culturas xamânicas indígenas, cujo fundamento é um vôo da alma. Na época reformista e contra reformista dos primeiros séculos da modernidade emergiu, em colaboração mútua com um aparelho de Estado absolutista, um policiamento disciplinar dos costumes com recursos para refinar o modelo de subjetividade moderno com uma férrea estrutura de automatismos morais, de couraças sobre o espírito, para forjar uma mentalidade anti-extática, por meio de uma simbolização demonizante das práticas extáticas como sabá de bruxas ou festim canibal de selvagens.

Nesses regulamentos configurou-se paulatinamente uma divisão entre substâncias lícitas e ilícitas, o vinho, por exemplo, é lícito, e o chá do cacto *san pedro* é ilícito. As palavras de CARNEIRO (2008, p. 75), explicam este desdobramento:

O cristianismo herda do judaísmo um lugar central para a vinha e seu produto, mas exerce contra outras substâncias um zelo intolerante cuja matriz simbólica encontra-se no relato do fruto proibido na gênese da criação e queda da humanidade. Entre algumas seitas protestantes (sic), o uso do álcool, até mesmo na forma apenas fermentada do vinho, foi interdito e perseguido. A herança xamânica ou dionisíaca em suas múltiplas expressões, como cultos a plantas psicoativas sagradas, foi combatida em todos os continentes pela Igreja católica, especialmente nas Américas, onde o combate à idolatria foi uma das atividades centrais da inquisição.

Ao analisar relatos sobre a ação dos “extirpadores de idolatria” na Nova Espanha durante o século XVII, o historiador Alexandre VARELLA (2008, p. 3-5) encontrou referências ao consumo de substâncias psicoativas pelos indígenas, como uma forma de resistência à doutrina cristã. Segundo o autor, as representações desses agentes da Igreja católica sobre as práticas indígenas, as colocavam no campo do diabólico e do irracional. Os índios adoravam as plantas alucinógenas como se estas fossem deidades, e as consideravam reveladoras das causas de infortúnios, enfermidades e de formas de

cura. Desse modo, foram elaborados argumentos a favor da rigidez punitiva aos índios, e algumas espécies vegetais também se tornaram objeto de extirpação.

Sendo assim, conforme fomos colhendo os discursos dos religiosos no que concerne à definição e ao tratamento do “problema das drogas”, tivemos a oportunidade de identificar ou não nesses discursos a presença dessa realidade histórica que se expressa através das representações e dos valores religiosos e políticos. Assim, saberemos se os grupos religiosos costumam associar “drogas” à concepções do mal, a causas de fundo religioso, se há referências aos argumentos médicos que dominam a questão, ou ainda se há reprodução do discurso oficial. No horizonte desta pesquisa, podemos vislumbrar ainda, em que medida a experiência religiosa contribui para a definição do “problema das drogas”.

Georg SIMMEL sugere que o sentimento de unidade presente nas mais tenras interações sociais, como a família e o clã, constitui um conteúdo da forma religiosa de grande importância. Ele afirma que “na religião, o impulso social unificador assumiu uma configuração tão pura, abstrata e, ao mesmo tempo, substancial, que não precisou mais da ligação com interesses reais” (2011, p. 13). Com isso, a religião sinaliza para a unidade com Deus como horizonte, mas ao mesmo tempo por possuir esse conteúdo pode transitar com desenvoltura em outros espaços, ou formas de interação, como o espaço público, que têm em sua base este mesmo sentimento de unidade.

A sociedade dedica-se em desenvolver e difundir o controle social em nome de uma coesão harmônica da mesma. Para tanto, ela usa de meios formais e informais, concordando com a compreensão da Sociologia jurídica. Segundo Djason Della CUNHA há duas formas de estabelecer o controle social, a: formal e a informal. Quanto à informalidade do controle social tem-se cerimônias, tabus e os costumes; já agindo no controle social de maneira formal há as instituições religiosas, jurídicas e políticas (1998, p. 82). Considerando esta colocação a esfera religiosa se propõe a interferir nas demandas sociais, as questões das “drogas”, apresenta-se como um exemplo plausível para sua ação, visto que, é considerado como provocador da quebra de coesão.

Reaparece, assim, o dito “problema das drogas” traz consigo toda uma ligação e contextualização histórica e social, diretamente com a política proibicionista. A visão dessa política concentra o maior “problema” no consumo e nos usuários, na medida em que se esquece de que a própria demanda e procura se dá devido à múltiplos contextos sociais e biopsíquicos. Ao mesmo tempo, de forma intolerante e preconceituosa, não

admite o uso controlado dessas substâncias, como salienta Gilberta ACSELRAD (2015, p. 2). Segundo a autora, “desqualifica-se a pessoa como sujeito de sua história, de suas escolhas. Afinal, a droga é apresentada quase como um vírus contra o qual a "vacina" da proibição e da repressão surge como a única solução”.

Assim, a esfera religiosa participa desse debate, especialmente no contexto nacional, onde segundo FONSECA e BASTOS (2012, p. 37) observam:

A Igreja Católica, no Brasil, permanece como uma instituição de referência, capaz de propor valores no campo social e de promover ativamente suas posições. As ações de defesa dos direitos humanos, de luta em favor dos pobres, indígenas e marginalizados lhe confere grande credibilidade na sociedade, mesmo para os não católicos, outorgando peso às suas posições sobre o aborto, o controle da natalidade e outros pontos polêmicos.

Observando, portanto, como os regimentos religiosos têm atuado na esfera política e social como operadores e disseminadores de uma moral religiosa a ser vivida por todos os indivíduos TOKATLIAN (2014), nos apresenta que no Uruguai apenas 41% da população se diz adepta do catolicismo, sendo os outros segmentos religiosos pouco aderidos à prática religiosa, portanto o autor infere que a rápida e acelerada secularização naquele país foi um fator determinante para avançar em questões sociais quanto legalização da *Cannabis Sativa*, como discutimos em outro espaço.

Portanto, os objetivos deste estudo se fundamenta em analisar reflexivamente os argumentos e entendimento pertinente e presente nos grupos religiosos sobre o “problema das drogas” ao passo que desemboca em múltiplas formas de se relacionar com essa problemática social, essencialmente políticas e sociais, mas com outras interpretações. Para isso, se fez revisão bibliográfica em publicações e autores que dialogam com a relação droga-religião-cidadania; levantamento entre específicas instituições religiosas sobre a visão e relação que estabelecem com as drogas e com os usuários da mesma, e sobre cidadania, por meio de seus líderes; localização histórica inicial da união entre relação entre droga, religião e Estado; Instigar demais pesquisadores a problematizar essa temática e relação segundo esta visão fé-cidadania-drogas, visto a relativa escassez deste debate em publicações, metodologias, pesquisas e ementas de disciplinas curriculares de cursos universitários e por fim propor uma reflexão crítica sobre o contexto debatido junto às comunidades religiosas, civis e/ou



governamentais, avaliando suas políticas de ajuda ao usuários de psicoativos com intuito de criar futura “parceria cognitiva”<sup>5</sup>.

### **Contextualização e delimitação do campo empírico**

Esta produção monográfica é fruto de um trabalho desenvolvido no período de Março de 2014 à Julho de 2016, por meio do projeto de Iniciação Científica intitulado “Drogas e o exercício da Religiosidade e da Cidadania” sob orientação do Professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (UFRN) e co orientação da Professora Dra. Janaína Alexandra Capistrano da Costa (UFT). Trabalho este vinculado ao grupo de estudo Mythos-Logos: Religião, Mito e Espiritualidade, financiado pelo CNPq e pela Pró Reitoria de Pesquisa da UFRN (PROPESQ).<sup>6</sup>

Trazemos o discurso e interpretação de diversos grupos religiosos, todavia ao considerarmos que é um universo de dimensões amplas, elencamos alguns critérios para delimitação do objeto desta pesquisa. Consideramos em alguns contextos a visibilidade que alguns destes grupos assumem na sociedade e no próprio segmento religioso, ou seja, quantidade de adeptos participantes ao grupo, tempo de fundação e atuação na Cidade, presença nas mídias e redes sociais, entre outros fatores.

Em outras circunstâncias visitamos grupos que possuem sólida reflexão frente à temática do uso de psicoativos, inclusive realizando projetos, atividades e/ou até mesmo administrando ou colaborando ativamente em centros de acolhimento aos usuários de entorpecentes, que também são identificadas como centros de reabilitação, especialmente, de iniciativa privada ou ainda filantrópica.

Igualmente, também foi de nosso interesse pesquisar o discurso dos grupos religiosos e espiritualistas que fazem uso de elementos que provocam alteração na consciência em seus ritos e procedimentos religiosos, seja de forma enteógena.

---

<sup>5</sup> A “Parceria Cognitiva” é uma metodologia proposta pelo autor Orivaldo LOPES JÚNIOR (2003) que propõe o compartilhamento de conhecimentos e saberes entre o pesquisador e pesquisado, sendo utilizado por ambos.

<sup>6</sup> Mais informações a respeito podem ser encontradas no informe de pesquisa publicado na Revista Inter-Legere do Programa de Pós Graduação da UFRN. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/6397/5008>>. Acesso em: 05 de Abril de 2017.

Desta forma os grupos religiosos pesquisados e debatidos neste espaço foram classificados segundo as denominações elencadas pelo censo Religioso de 2011 IBGE. Desta forma, representando os grupos Evangélicos De Missão/De Origem ou ainda da vertente Tradicional representando a Igreja Adventista do Sétimo Dia entrevistamos Zenivalter Silva que ocupa o cargo institucional de Pastor distrital local, também é responsável pelo templo Central da Igreja, localizado na Rua Olinto Meira, 955 - Barro Vermelho; e pastor do Centro Novo Mundo localizado no bairro de Capim Macio, Zona sul de Natal. A entrevista foi realizada nas dependências do Centro Novo Mundo, em Março de 2016.

A Convenção Batista do Rio Grande do Norte, foi representada pelo Pastor Luís Carlos de França, que ocupa o cargo de Secretário Geral da Convenção Batista do RN, aconteceu no dia 1º de Agosto de 2014, nas dependências da sede estadual da Igreja, localizada na Rua Jundiaí, Nº. 513, Bairro do Tirol. O pastor José Eridan, foi entrevistado por ser ex-presidente da Associação das Igrejas Batista Regular do Rio Grande do Norte e pastor da Igreja Batista Regular do Igapó - Zona Norte de Natal a entrevista se deu na própria Igreja da Zona Norte a qual é pastor, em Fevereiro de 2016. Em nome da Igreja Presbiteriana do Brasil – IPB, o Pastor Flávio Américo, pastor auxiliar do templo central, localizado no Largo Junqueira Aires, Nº. 533 - Cidade Alta, Natal – RN.

No quadro das denominações evangélicas tidas como Pentecostais, ouvimos a Igreja Assembleia de Deus (AD), por meio de Márcio Klauber Maia Pastor, que assume o cargo de Professor de Teologia da instituição nos cursos ministrados para fiéis e novos líderes sob coordenação da Igreja Assembleia de Deus – Templo Central de Natal; O pastor também assume a função de superintendente de Recursos Humanos da instituição. A entrevista foi realizada no Templo Central da Igreja, localizada na Rua Manoel Miranda, Nº. 251 - bairro do Alecrim, Natal/RN. O grupo está na capital do RN desde 1918 e registra 40.000 adeptos, segundo os dados levantados pelo pastor entrevistado.

Na Igreja Deus é Amor tivemos oportunidade de entrevistar o Pastor Francisco Ivo da Silva, em maio de 2015. Já na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi realizada a etnografia nos cultos de 3 à 15 de maio de 2015, aos domingos às 15h00min, no Templo Central localizado na Avenida Senador Salgado Filho, N. 2525 bairro de Lagoa Nova, Natal - RN. Este culto diz respeito ao projeto nacional Vícios têm cura.

Em nome da Igreja Cristã Maravilhosa Graça (ICMG), que se trata de uma Igreja inclusiva, entrevistamos o Pastor Jaime de Freitas, em março de 2016. Quanto a Igreja Bola de Neve entrevistamos o casal de diáconos Jônatas Rodrigues e Ianne Cavalcanti. Estes são responsáveis pelo Ministério Nova Vida, que é o trabalho da instituição para com tratamento de vícios. Além de realizarmos etnografia no culto conduzido por este ministério.

E representando o que se chama de Outras Religiosidades, segundo o IBGE, tivemos contatos aos líderes do Santo Daime, Maria da Liberdade de Souza Cordeiro Moura, presidente da Igreja Céu da Arquinha. O referido grupo recebeu o reconhecimento oficial no ano de 2003 e funciona na Zona Rural do município de Nísia Floresta.<sup>7</sup>

Representando a Igreja Católica Apostólica Romana, por meio da Arquidiocese de Natal, entrevistamos o Padre Robério Camilo da Silva, religioso que ocupa o cargo de Vigário Paroquial da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes – Areia Preta, Natal, atuando no bairro de Mãe Luiza; Assistente Eclesiástico e Coordenador Arquidiocesano da Pastoral da Sobriedade e Presidente do Serviço de Assistência Rural – SAR. A entrevista se deu na secretaria da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Bairro de Mãe Luiza – Zona Leste de Natal/RN.

Escolhemos pesquisar e entrevistar exclusivamente o pensamento das lideranças, por crer que estes não estariam expondo uma interpretação individual de tal assunto, mas sim, apresentando um posicionamento condizente com a filosofia adotada pelo seu segmento religioso ou espiritualista, visto que foi solicitado para falar em nome do seu grupo religioso.

### **Imersão no campo: realização das entrevistas e visitas aos grupos religiosos.**

Para a realização das entrevistas, em grande parte dos casos, se fizeram necessárias inúmeras investidas, sendo insuficientes os contatos telefônicos e virtuais e,

---

<sup>7</sup> Considerando as limitações de páginas e das escolhas realizadas não se apresenta neste trabalho as entrevistas e problematizações realizadas com as religiões de Matriz Afro e outros grupos religiosos deste vasto campo de “Outras Religiosidades”, como Igreja de Jesus Cristo dos Santos do últimos Dias, Budismo, entre outros, apesar de ter sido feito, mas que encontram-se presentes em outros trabalhos científicos.

por vezes, os serviços de secretaria. Assim, nos foi necessário indicações de colegas do curso que são membros das denominações ou ainda amigos pessoais que colaboraram como intermediários.

De forma significativa um método que nos rendeu proximidade eficiente nesta pesquisa foi a participação ativa nos ritos e vivências nos momentos de encontro dos grupos religiosos, onde estabelecemos contato fluído. Ademais, foi significativa para o próprio pesquisador ao exercitar a prática do respeito e da vivência da pluralidade de vida religiosa. Em todos os casos o pesquisador foi bem recebido e acolhido, especialmente quando se apresentava como universitário, que na maioria dos casos era visto como da área da saúde ou da assistência social por pesquisar o uso de drogas.

Na grande maioria dos casos, a entrevista deu-se nos próprios templos centrais (escritórios) de cada Instituição religiosa, proporcionando experiências de acolhimento por parte destes e ao mesmo tempo abertura para se discutir sobre o tema. Em todos os momentos, os entrevistados mostraram segurança e firmeza ao falar, especialmente quando se fazia necessário à contextualização teológica e da filosofia de vida adotada por seu grupo religioso, que em geral, essa espiritualidade norteia não só a dimensão espiritual de cada indivíduo, mas também seu comportamento do cotidiano e em suas relações múltiplas.

As entrevistas foram gravadas, exceto na Igreja Universal devido a exigência do entrevistado e a própria política do grupo, e posteriormente foram transcritas para as análises e estudo dos dados do campo. Os diálogos duraram entre 25 e 50 minutos. Adotamos a forma de imersão no grupo através da vivência e reuniões destes, como uma medida útil e de louvável experiência para o grupo e para o bolsista de pesquisa nos proporcionando a criação de vínculos e parcerias. Nas entrevistas as principais perguntas foram: Como que o grupo entende o “problemas das drogas” e Como o mesmo se relaciona com o “problemas das drogas”.

Diante disso, temos como dados empíricos, que serão discorridos no estudo exposto, mas que “drogas” tanto lícitas como ilícitas são totalmente combatidas e evitadas por esses religiosos. Além do mais, quando proporcionam elevado estágio de relaxamento e alteração da consciência de forma considerada excessiva.

## 1. O DEMÔNIO DA “DROGA” OU A “DROGA” DO DEMÔNIO? AS INTEPRETAÇÕES RELIGIOSAS SOBRE O “PROBLEMA DAS DROGAS”

No processo histórico-cultural do desenvolvimento do protestantismo, considerado como Tradicional, histórico ou ainda Religião Evangélica de Missão como classifica e denomina o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vimos surgir uma ferrenha crítica ao modelo católico de vida e o emergir de uma prática religiosa modificadora das estruturas de culto, de formas de relacionarem-se com a divindade, elementos sacramentais e, sobretudo modificando a moral e a cultura, como evoca a obra de Max Weber *A Ética protestante e o espírito do Capitalismo*, lançado pela primeira vez em 1905. Concedemos atenção para o desenvolvimento de uma religião caracterizada pelo exercício da fé racionalizada.<sup>8</sup>

Em contrapartida o protestantismo pentecostal é caracterizado por se propor a disseminar a intimidade com Espírito Santo, por meio de suas manifestações sobrenaturais, tendo o evento chamado de Reavivamento da Rua Azusa<sup>9</sup> em Abril de 1906, o marco considerado como inicial desta experiência. No evento citado, líderes e fieis protestantes estavam estudando o livro dos Atos dos Apóstolos e uma senhora fala em línguas estranhas, após receber imposição de mãos do Pastor. Este êxtase foi associado como ação pentecostal do Espírito Santo.<sup>10</sup>

Esta prática não se limitou a Rua Azusa e expandiu-se por todo o mundo em templos protestantes e, inclusive influenciando outros segmentos religiosos, como o catolicismo por meio da Renovação Carismática Católica iniciada em 1967 na Universidade de Dequesne nos Estados Unidos<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> No Brasil, especialmente este segmento chega ainda no Brasil Colônia e passou por diversas singularidades e reinvenções fazendo ter um percentual de 4,1 % de evangélicos de Missão e 22,4 % de toda população brasileira adpta das denominações evangélicas. [http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag\\_203\\_Religi%C3%A3o\\_Evang\\_miss%C3%A3o\\_Evang\\_pentecostal\\_Evang\\_nao%20determinada\\_Diversidade%20cultural.pdf](http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf)

<sup>9</sup> Esta Rua está localizada em Los Angeles, Califórnia – Estados Unidos.

<sup>10</sup> Usa-se aqui como fundamentação o Professor Alderi MATOS (2006, p. 30), Todavia, há numerosa publicação na dimensão teológica e científica referente este evento ocorrido nos Estados Unidos, por exemplo, o Documentário: Reavivamento da Rua. 2006. Produzido por Tim Storey e Leon Isaac Kennedy. Documentário. 64 min. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=dXE\\_NFjwqQM](https://www.youtube.com/watch?v=dXE_NFjwqQM).

<sup>11</sup> Estes dados encontram-se nas mídias sociais mantidas pelo movimento católico (RCC): <http://rccbrasil.org.br/espiritualidade-e-formacao/identidade-da-rcc.html> . Acesso em 26 de Março de 2017.

Diante disso, discorramos sobre o processo de espiritualização que atravessa os discursos religiosos, assim como, as críticas elencadas pelos mesmos atores, que tendem a observar por vezes de forma disciplinar ou então como intervenção espiritual.

### **1.1 Protestantismo Tradicional: Uma crítica à “demonização” do uso de psicoativos**

Considerando a postura tradicional do Protestantismo e aplicando como estes grupos compreendem o uso de psicoativos, percebemos uma tradição religiosa pregando o controle dos corpos, sendo possível a “cura” com a mudança de vida partindo da tomada de consciência, motivado nos testemunhos da comunidade. Apreendemos um pensamento que para negar o uso de psicoativo recorre à necessidade do bem estar da saúde mental e física. É pertinente salientar que nesse discurso “religioso-racionalizado” há associação de drogas ao enquadramento de vício no sentido de demonstrar fraqueza e dependência fragilizando o espiritual.

Podemos perceber esta visão tomando como base as respostas dadas pelas lideranças religiosas em nossas entrevistas, como é o caso do representante da Igreja Adventista do Sétimo Dia, temos:

Primeiro a Igreja Adventista num olha para ele e diz: “É um endemoniado”, certo? A droga, assim como outros problemas, como depressão... Tem muitas maneiras de chegar ao individuo, às vezes, uma influencia, ou má influencia, às vezes, uma pessoa que sofreu grandes traumas ou uma decepção, a pessoa que, não entendeu a razão ou sentido da vida, por não ter uma boa relação com os pais, não entendeu o que Deus quer para a vida dele. (...) Da mesma forma que Deus não obriga você vir a Igreja ou ler a bíblia, satanás não tem poder para fazer você tomar um comprimido ou um cigarro, que seja. A oportunidade de você servir a Deus e a oportunidade de fazer você servir o que não agrada a Deus está em você e está em mim.

Temos contato com uma visão de negação, ou ao menos que não prioriza a interferência espiritual no que chama o próprio líder de “problema social”, que é o uso de psicoativo, mas vê em tal fenômeno um método ou maneira de suprir suas carências em diversos campos sentimentais, afetivos e sociais.

Mais a frente o Pastor ainda dissertando sobre possíveis motivadores do uso de “drogas”, especialmente nos jovens, cita:

Às vezes, as pessoas enveredam pelas drogas pelo simples fato de que ela fazer parte da galera ao fingir que fuma só porque acha bonito sentar, cruzar as pernas e balançar o dedo com cigarro é um fator emocional, um fato social, que o individuo por *status*, “Ah! Isso é um *status* ficar aqui, assim, pois a menina vai olhar pra mim e ver que sou um cara da hora”.

Vemos esboçada na fala uma associação entre “drogas” e socialização, ou seja, de comportamento social, como um *status*. Beatriz CARLINI-COTRIM ao fazer críticas à sociedade proibicionista, percebe que a interpretação do jovem como mais suscetível ao uso de “drogas” devido a ociosidade que é submetido é um processo que torna “patológico aquilo que se origina da curiosidade do jovem, da necessidade do jovem de pertencer a grupos e, também, do fato de o jovem olhar para a transgressão com certa curiosidade” (2002, p. 78).

Evoca-se uma noção em que a opção pelas “drogas” se centra na esfera pessoal, individual, direcionando mais uma vez a racionalidade constituinte dos segmentos religiosos protestantes tradicionais em sua espiritualidade, não sendo ela por excelência a intervenção de Espíritos, mas uma opção, ou seja, as “drogas” podem vir a ter intervenção maligna, todavia, a adesão a elas se caracteriza como ação individual.

Contudo, no discurso citado a possível cura do sentimental, do social, se faz pela prática religiosa, pela dimensão espiritual nos conduzindo a refletir que a subjetividade e liberdade do individuo é cerceada. Vemos tomar corpo o que SANCHEZ e NAPPO, já perceberam quando estudavam o trabalho de grupos religiosos para com usuários de psicoativos, em que cita “para eles, a fé é que cura; acreditam que Deus salva (e assim cura) seus filhos que tem a fé mostrada pela frequência continua a Igreja” (2008, p. 270).

A demonização das “drogas” na formulação teórica sabatista é tida como um complicador, um exagero que pode desembocar em outros problemas. Mesmo reconhecendo que a fé é um caminho de “cura” dos vícios, ela não é assumida como o único método. Como expressa a diante o mesmo Pastor:

As pessoas motivadas pelo fideísmo sem fundamento bíblico descartam a responsabilidade do homem e também o papel da ciência e jogam tudo para Deus, então, você está com um problema? é demônio. ah! Fulano está drogado é poder de Satanás, então isso é um problema. Outro problema é quando as pessoas só olham pelo lado científico qual o componente químico? Qual a droga? Tratamento que vai levar o fulano das drogas? Então acontece sim de caso de pessoas só pelo lado espiritual, pelo fideísmo exagerado dele vencer, sim! É possível. Como também acontece do indivíduo deixar de fumar só porque colocou um adesivo no corpo, mas, em ambos os casos a fé é exercida.

Podemos perceber a negação das “drogas” como ação espiritual maligna, compartilhando da visão tradicional protestante, na fala do Pastor José Erinaldo da Costa, representando a Igreja Batista Regular, que nos mostra:

Temos que entender assim: somos um movimento conservador, não trabalhamos com essa questão de achar que uma pessoa se envolve nas drogas, por causa do demônio, ou por ser “endemoniada”, uma pessoa que se envolve com outros tipos de pecado, ou seja, na área de impureza sexual... não cremos que seja um espírito disso ou daquilo. Eu acho que é muito uma questão e base, base familiar.

Então, fazemos um trabalho aqui de conscientização dos pais, aconselhamentos e temos visto grandes resultados, mas espiritualizar como é espírito de sicrano ou beltrano... Isso é sensacionalismo, parte muito dos movimentos neopentecostais, demonstrando manifestações, libertações, essas coisas.

Assim, o referido uso apesar de ser visto notadamente como um problema, no sentido negativo não é retomada a visão essencialmente espiritual, todavia, perpassa pela formação ou socialização primária, inicial, tendo como protagonista a figura familiar. É possível, assim, perceber que o protestante histórico evoca com constância a esfera familiar e de consciência individual. No entanto, a sutil espiritualização se dá quando enquadra o uso de psicoativo como pecado, desvio ou transgressão, mas que atua no indivíduo por meio por meio da abertura de uma lacuna, portanto, algo que é essencial e lhe está ausente.

O Pastor Flávio Américo da Igreja Presbiteriana do Brasil, também aciona uma tendência para a compreensão do uso de psicoativo como dimensão não espiritual. Expressa o religioso:



Se pensarmos, por exemplo, no álcool de forma tradicional, pelo menos as Igrejas mais tradicionais – eu digo as históricas – não pentecostais, elas vão entender que o uso do álcool em si não é o problema, o uso do álcool mesmo que gere um pouco de alegria, como a Bíblia mesmo falou, gera alergia no coração e coisa assim isso não é o problema, mas o que é problemático no uso do álcool é a embriaguez e não o uso do álcool em si.

Percebe-se que se faz uma alusão ao uso de álcool como uma forma de prazer carnal, todavia, sem atrelar diretamente a noção de pecado, sendo atitude errada o ato da embriaguez, retomando, assim, a noção de *Phamakón* presente na cultura Grega Clássica, mas de maneira exclusiva o álcool, que é usado pelos personagens bíblicos, as outras “drogas”, portanto, indiretamente é considerado como um uso errôneo. Para tanto, critica o pensamento Pentecostal que tende a considerar como ação espiritual.

## **1.2 Protestantismo Pentecostal: A ação de Maus Espíritos no uso de psicoativos**

Considerando o pensamento Protestante Pentecostal, encontramos uma teorização religiosa que tende a conceber o uso de psicoativo não como transgressão social, mas, sobretudo, espiritual. Assim, o tratamento se baseia em transferir o “problema” para Deus, e em troca recebe a sobriedade e a resolução de todas as consequências negativas causadas pelo uso de “droga”; ao mesmo tempo em que o usuário precisa ser forte, resistente. Notadamente vemos que os valores religiosos estejam colocando limites morais e gerando vínculos sociais que dificultam a opção pelas “drogas”.

De forma ainda mais fundamentalista o discurso da Igreja Deus é Amor, grande representante do movimento pentecostal brasileiro, concorda com a mentalidade vigente na esfera religiosa que tende a observar as “drogas” como algo pecaminoso. Tem a “libertação das drogas”, por meio da expulsão de demônios, e espíritos malfazejos numa clara apropriação de termos e entidades que remetem ao universo afroreligioso, caracterizando assim pesada carga de preconceito e desconhecimento do pensamento e segmento dos grupos religiosos de Matriz africana. A “droga” é vista como manifestação especialmente espiritual do mal. Assim reportou o Pastor da Igreja Deus é Amor:

A Igreja entende que 90% das drogas é influência espiritual. Tem a questão de uma educação sem a palavra de Deus, em especial sem o carinho e acompanhamento do lar, do pai e da mãe. Além da questão financeira do Brasil, que dificulta na formação (educação) dos jovens. Vemos essa questão como perturbações demoníacas, de pessoas que deram brechas para o demônio, portanto, é tanto falta de fé e de educação, pois, o drogado é sem Deus, sem estrutura, e está num caminho errado.

A falta da educação, a falha da família e principalmente a fraqueza espiritual que é a que concede ao demônio, portador de todos os malefícios e de vícios, sua dominação. A instituição, portanto, assume um papel de família, núcleo este que fora anteriormente apresentado como causa importante para degradação do ator social, sendo acolhido e refugiado pelas drogas. No entanto, não se tem como prioridade ou importância a reabilitação médica e psicológica, ou a reinserção social, enquanto que tudo o que o drogado precisa é do amor da comunidade. Assim atrelado aos cultos e momentos de expulsão de espíritos que levam do usuário de “drogas” ao “liberto”, tem-se as conversas e orientações pastorais e espirituais para esses usuários, em que se apresentam exemplos de pessoas que abandonaram os vícios após terem assumido sua identidade de evangélico (testemunhos).

Este processo de acompanhamento espiritual se dá também na Assembleia de Deus, como mostra o pastor:

O drogado é visto como vítima de uma situação que precisa de ajuda. Primeiro o levamos para e entender que o que ele está fazendo é danoso, mas eles têm também a experiência de vida de alguém que tenha conseguido vencer aquela questão e, uma vez que, aquela pessoa consegue vencer esta etapa inicial (de se reconhecer em situação danosa) ela está entregue à igreja e vai receber toda ajuda espiritual, orientação que a igreja para que venha se tornar um cidadão que ao invés de trazer um problema para a sociedade, possa ser alguém que possa trazer de fato um benefício, para contribuir conosco. Muitos desses que são recuperados dessa situação, percebem que precisam ajudar os outros.

Para assim fundamentar a forma de proceder o mesmo pastor expressa que as “drogas” são formas contrárias ao desejo de Deus para a vida dos indivíduos, sobretudo, considerando os efeitos danosos, segundo o líder religioso, que permeiam a prática do uso de psicoativo, tido aqui como pecado.

A bíblia chama tudo aquilo que é feito contrário ao que é o projeto de Deus para nós de pecado. O pecado na verdade é um desvio de função, a chave de fenda foi feita para apertar o parafuso, mas se você usa para atingir uma pessoa ou para cavar um buraco é um desvio de função, é uma coisa que está sendo usada pra coisa errada. Então a droga é visto sob este ponto de vista.

A Igreja Bola de Neve possui uma interpretação e forma de intervir neste assunto baseada na reflexão de saúde coletiva, em que compartilha da necessidade de direcionar o individuo ao controle e tratamento físico, psíquico e emocional, todavia, as marcas pentecostais a qual se inclui diretamente a Bola de Neve, tende a compreender o fenômeno do uso de psicoativo com a origem na dimensão espiritual. O Diácono relatou:

Primeiramente com relação a visão da Igreja com essa questão social. Sabemos que muitas pessoas, independente de classe social, cor, religião em si se envolve diretamente com o uso de produtos ou até mesmo de atitude compulsiva que causa dependência. Quando as pessoas começam a entender isso temos que saber a origem, de onde veio? Então, é um problema físico sim, mas, entendemos isso, mas a origem é espiritual.

99% é espiritual, ninguém se aproxima de uma coisa que é destrutiva em sua consciência sabendo que aquilo vai te destruir física ou espiritualmente sem ter um estímulo muito forte para isso geralmente esse estímulo é o que chamamos de liquidar é uma coisa que aconteceu lá trás que origina o pecado, que transforma essa mancha em pecado todos os dias, mas essa mancha está enraizada no espiritual, estão muito mais além.

O Diácono Jonatas acompanhando de sua esposa, segundo o exposto, apresenta as “drogas” como sinônimas de vício ou dependência, mas que se figuram como algo sintomático que marca o espirito do individuo, visto que, é preciso extinguir a fonte do mal, ou seja, o pecado ou a carência, que provoca o desejo do uso dos psicoativos e este mal se localiza na dimensão espiritual.

Victor BARROZO (2014, p. 50) retoma a imagem do religioso convertido, como considera uma marca central da modernidade religiosa. Quando uma vez convertido, posteriormente lhe será exigido uma postura fiel, resistente às “tentações”, com fundamento na fé adquirida e professada. Ao difundirem a imagem das “drogas” como manifestação espiritual, sobretudo, nos discursos pentecostais, o abandono deste uso é substituído com a adesão à prática religiosa, assim tem-se o processo de conversão.

Este pensamento é compartilhado pela Igreja Bola de Neve, que, segundos os entrevistados em nossa pesquisa, expõe a necessidade da mudança radical de vida, não sendo admitido o método de redução de danos.

Acreditamos, assim como Jesus, a mudança tem que ser radical. Antes (no Antigo Testamento) se precisava ter derramamento de sangue, com Jesus, não mais sangue, mas a atitude. Assim nós acreditamos. Uma virada de 45° não vai mudar, deve se de 180°. A redução de danos para nós não é o objetivo, mas aceitável, pois, sabemos que cada um tem seu ritmo, tem sua ligação com Deus, é aceitável, mas não estimulamos para isso, nunca vamos dizer: “pare de usar duas vezes por dia, só use uma”. Vamos dizer: “Pare de usar tudo, quando chegar na sua casa, se fuma cigarro, dobre, jogue dentro do vaso e dê descarga”, pois, no momento em que você assume uma decisão para Deus vai mudar por mais difícil que seja, vai mudar e nós temos tido muito sucesso. (...) Vemos um ciclo vicioso no sistema de saúde, pois a pessoa entra com a política de redução, vai toma o medicamento se desintoxica por dias, acho que 14 dias... sai e com 7 dias está dentro do sistema novamente

Desta maneira, as lideranças da Igreja levantam uma crítica, aos métodos do Sistema único de Saúde, no que diz respeito às políticas de redução de danos, mesmo reconhecendo que cada usuário de psicoativo comporta-se e está submetido a condições específicas.

O método de redução de danos que encontra-se na Portaria Nº 1.028, DE 1º De Julho de 2005<sup>12</sup> é parte constituinte das Diretrizes da Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral dos Usuários de Álcool e outras Drogas que, além do acompanhamento médico e das ações educativas, o usuário é orientado para deixar o uso da “droga”, de forma gradativa. Como argumentação para este tratamento a legislação apresenta que cada pessoa tem sua forma de abandonar o vício, portanto, algumas pessoas precisam deixar o uso aos poucos para posteriormente de forma total. Trabalhos semelhantes são os desenvolvidos pelos Centros de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS.

Percebe-se que há relativo desconhecimento, por parte da autoridade religiosa ao ignorar as numerosas ações e resultados positivos dos serviços de atendimento e acompanhamento aos usuários de psicoativos, dado a grandiosidade do território

---

<sup>12</sup> O Documento referenciado pode ser consultado no endereço eletrônico: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1028\\_01\\_07\\_2005.html](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt1028_01_07_2005.html)>. Acesso em 05 de Junho de 2017.

nacional. Verbera-se um apoio ao pensamento de direita, ao cumular de defeitos as políticas de bem estar social.

Este processo de conversão, como chamam Fernanda RIBEIRO e Maria Cecília MYNAIO, é visto como um método não só espiritual, mas religioso-moral. Este método se fundamenta em: “O romper com sua vida pregressa e abraçar uma nova comunidade, religiosa, marcando sua trajetória em termos de antes e depois da conversão. Mesmo o uso de álcool e de cigarro é condenado, pois não faz parte do projeto de ‘homem convertido’” (2015, p. 519). Assim, o ato de romper com os elos que ligam as práticas do mundo, aqui se inclui diretamente o uso de psicoativo, implica em aderir por completo o desejo do divino e em consequência há a mudança do ser marginal ao indivíduo virtuoso, bem visto na moral social.

Nas etnografias realizadas na IURD, percebemos que os participantes do culto realizado no Domingo, às 15h no Templo Central dentro da programação da Campanha Vícios têm Cura, eram pessoas de camadas populares, submetidas às clínicas de recuperação mantida por Igrejas parceiras e recém-libertos do sistema penitenciário. O público popular, sobretudo, depois da década de 30 sempre foi o objetivo principal da Ideologia Pentecostal, visto que nestas condições só Deus pode ser tido como possibilidade da solução dos problemas, encontrando, assim, o campo ideal para intervenção pentecostal. Como apresentou WEBER a promessa da religião, naturalmente, se direciona as massas dos que mais necessitam de salvação (1982, p. 193).

Diante dessa colocação Francisco ROLIM (1980) nos apresenta uma problematização pertinente que diz respeito aos eixos centrais, segundo sua visão, do pensamento pentecostal que se trata da crença total no poder de Deus e o respeito a autoridade instituída ou institucional. Concedendo maior atenção à primeira colocação o autor esboça uma crítica ao fenômeno da expansão pentecostal e a falta de ação social nas camadas populares, que, segundo o mesmo autor foi o solo social em que germinou e cresceu de forma surpreendente o pentecostalismo, na segunda metade do século XX. O autor cita. (1980, p. 183):

A crença no poder de Deus associa-se ao conhecimento empírico das ocorrências da vida cotidiana. Este tipo de saber comum, periférico é assumido pelas crenças, permanecendo os pentecostais impossibilitados de adquirirem um senso crítico das situações

concretas em que vivem e, portanto, impossibilitados de romperem, ultrapassando-a, a esfera do conhecimento vulgar. Quanto mais faltarem nos pentecostais as praticas sociais, mais este bloqueio será resistente.

Assim é salientando que a matéria prima do operar de Deus, pela via pentecostal, são as carências humanas e sociais, todavia, pouco se dedica ao trabalho efetivo no que diz respeito ao assistencialismo ou incentivo para romper com esta estrutura de classe dominada, propondo-se tão somente ao cuidado espiritual como fundamental e suficiente para a mudança nos campos da vida do praticante. Este método, portanto, segundo o autor, apenas induz os pentecostais a reproduzirem e se conformarem com a estrutura assumida ou previamente destinada pela dimensão divina – sacramental.

Estas colocações nos proporcionam a reflexão critica que não se trata de questionar a ação ou o poder do divino na vida dos indivíduos, mas a crença apartada da vida concreta, ou das praticas sociais. Os programas e projetos para com usuários de psicoativos são demonstrações de como o espiritual é visto como forma única de solução e provoca, assim, uma cobrança angustiante de viver no mundo pautado na filosofia religiosa pentecostal, ao passo que, desancora a questão dos contextos múltiplos.

## 2. “DROGAS” COMO VÍCIOS E DESCONTROLE: O ENTENDIMENTO RELIGIOSO PAUTADO NA IMAGEM DOS CORPOS INVOLÁVEIS

No desenvolvimento da pesquisa empírica, quando entrevistamos os líderes religiosos, encontramos certas expressões constantemente citadas, entre elas é a associação entre “drogas” e vício, expressão muito cara para os estudiosos das áreas da psicologia e dos estudos da assistência social, pois denota variáveis diversas, entre elas forte carga de moralismo, impedindo, assim, o debate amplo e a problematização além do efeito tão somente químico dos elementos psicoativos, como dissertam LABETE, FIORE e GOULART ao perceberem o Proibicionismo não somente com desdobramentos de políticas públicas ou tratamentos no campo jurídico, mas também interditando pesquisas e debate amplo na sociedade sobre o tema (2008, p. 24). Ao tornar tabu a moral é acionada e tida como lente única de observação do fenômeno.

Márcia TIBURI e Ándrea COSTA DIAS (2013, p. 30). nos apresentam uma reflexão social sobre a referida expressão que é bem presente no debate sobre uso de psicoativos

A meu ver, é justamente a oposição Vício X Virtude que, no fundo, não nos diz muita coisa, embora esteja na base de tudo o que chamamos de vício, sem que usemos a virtude como seu necessário pólo oposto, como “norte” alternativo, senão sob forma de um “politicamente correto” que é a versão mais cuidadosa do “moralismo”.

As autoras, concluem a reflexão sobre vício refletindo que, “Pode haver drogas e não haver vício, assim como quando falamos em “drogas” associamos a questão ao tema do vício sem maiores análises e caímos no barateamento do moralismo” (2013 p. 59).

A concepção de vício além da dimensão moral é desenhada no corpo tido como frágil do usuário de psicoativo, tem fundamento nas noções proibicionistas, que teve o discurso médico como argumento de autoridade. Diante disso, Sangra GOULART contribui com o debate expondo que “Esta visão, as idéias de droga, drogado, vício, etc., estão, no mundo contemporâneo, intrinsecamente vinculadas à noção de doença.

Trata-se, como colocou Velho<sup>13</sup>, de categorias construídas a partir de uma mentalidade médica” (2008, p. 278).

Howard BECKER em seus *Estudos de Sociologia do desvio* quando dissertara sobre os *Outsiders*, que seriam usuários de maconha também se deparou com a expressão do vício como moralizante e estigmatizante, em que o corpo “viciado” viola a capacidade de controlar o comportamento racionalmente e torna o indivíduo irresponsável no tratamento do seu bem-estar (2008, p. 82). Desta forma, a classificação de um indivíduo como “viciado” passa a ser um estigma, que por sua vez assume uma estrutura de “(...) arma usada pelos estabelecidos<sup>14</sup> nas relações de poder para manter os *Outsiders* sob controle” VALENÇA (2010).

Os grupos religiosos, portanto, em papel de *estabelecidos* tratam de mostrar o controle com a libertação das “Drogas”, que se dá plenamente pela sua prática. Vemos evocado junto a compressão de Vício à concepção de fraqueza e pecado, abafando, assim, o processo de subjetivação, da liberdade dos indivíduos, ao passo que, se desqualifica o usuário de sua capacidade de controle. Sendo a essência espiritual, responsável por ser o “suporte libertador”.

Esta expressão vício como contrária à virtude social, que é perpassada pela virtude religiosa, é esboçada na fala de um de nossos interlocutores da pesquisa, o Pastor Zenivalter Silva, representando aqui a Igreja Adventista do Sétimo Dia:

A droga leva ao vício, mas esse vício envolve um fator emocional, um fator científico-químico, pois, a droga é química, nisso o indivíduo que não tem uma experiência de fé com Deus, uma compreensão da leitura da Palavra, não faça da bíblia um amuleto, mas faça como o seu braço poderoso se torna mais difícil de sair.

O líder Adventista, expressa a bíblia, considerado no cristianismo como livro sagrado, fruto de revelações e inspirações divinas, como orientadora para a vida quanto religioso, mas sobretudo, quanto cidadão ou ser virtuoso em suas ações, como foram os personagens bíblicos, como defende o discurso religioso.

---

<sup>13</sup> A autora faz referência a obra *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Este trabalho é tese de doutoramento de Gilberto VELHO, obtida em 1975 pela USP.

<sup>14</sup> Em BECKER (2008), os Estabelecidos são os contrários aos Outsiders, portanto, os não usuários de “Drogas”, ou ainda aqueles que não desviam das regras da sociedade.



Esta compreensão também é compartilhada pelo Pastor Luís de França, da Igreja Batista da Convenção, que a medida de estudo e meditação da bíblia pode assumir um papel de agente transformador de indivíduos, pois, podemos denotar que a vivência segundo as suas orientações ou ainda a leitura da mesma serve de fortalecimento espiritual e prática da religiosidade ao conceder fé, crença no que nela está escrito.

Todo esse trabalho (de tratamento dos vícios) tem a questão, da explanação da bíblia, a gente não tenta tratar do ser humano na questão material, mas também espiritual, nós entendemos que estas duas coisas trabalham em conjunto, por que o ser humano precisa de Deus, não dá pra dar só o material, o espiritual ele encaixa essa questão na necessidade do ser humano da pessoa de Deus.

Ainda sobre a interligação do vício ao uso de psicoativo, acompanhemos o discurso do Pastor Luís Carlos, aqui representando a Igreja Batista da Convenção, que nos mostra de forma clara os métodos de cura dos vícios: “Olha... a instituição entende que isso é um vício (o uso de drogas) e a bíblia condena todo tipo de vício. Quando a bíblia fala sobre qualquer tipo de vício, ela também fala que Deus dá a oportunidade do homem mudar essa situação.”

A noção de “Problema das ‘Drogas’”, para os grupos, portanto, é fortemente interligada a noção de vício e desta forma à fraqueza, ao pecado. Ressalta-se que por mais que seja pecado Deus proporciona o caminho de reconciliação. Assim, caso exista o desejo pessoal somado ao esforço de negar o uso de psicoativo é concedido o perdão e retorno à vida sóbria. O mesmo Pastor ao se referir ao projeto *Cristolândia*<sup>15</sup>, expressou:

O objetivo é tratar o ser humano, em que sentido? Quando um desse diz assim: “eu quero ser tratado...” e aí sim nós estamos começando a levar pra outro lugar, uma casa, onde ele vai dar o primeiro passo, onde ele terá o primeiro tratamento dele, a desintoxicação, etc.

Percebamos que as “drogas”, segundo o pensamento das autoridades religiosas referenciadas, tem sido sempre um “problema” de esfera pessoal, individual, onde o

---

<sup>15</sup> Este projeto desenvolvido pela Convenção Batista Brasileira se propõe a realização de um processo terapêutico para usuário de “drogas”. Com estrutura semelhante aos centros de reabilitação, encontra-se presente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Distrito Federal, Bahia e Pernambuco. O entrevistado retrata que a Cristolândia estava presente em Natal/RN, todavia, segundo os dados oficiais da Igreja não localiza-se a capital do RN como uma sede do projeto. Mais informações podem ser acessadas no site oficial do Projeto. Disponível em: <<https://www.cristolandia.org/>>. Acessado em 30 de maio de 2017.

mundo oferece o pecado, mas compete ao indivíduo agir como forte ou capaz de superar as tentações. Junto a isso se compreende que todas as instituições sociais que devem bem cuidar do indivíduo fracassam e a esfera religiosa assume o papel de responsável maior pelo bem estar social e espiritual dos indivíduos.

Pensamento também compartilhado pela liderança da ICMG:

A droga tende a coloca-lo numa situação de vício e tudo que é vício tende a nos afastar de Deus, por isso, que nós falamos que o vício é pecado, mas na verdade ele o aprisiona, o escraviza, e o escravismo não provém do Senhor, pois ele veio para nos fazer livres, então a questão de trazer a droga, a problemática é muito mais do que dizer que é pecado, embora seja de extrema importância de dizer que é, mas poder pensar esse olhar.

Mediante esta problemática, A Igreja Bola de Neve, também compreendem os elementos alteradores da consciência de forma viciosa e que provocante de desequilíbrio psicológico, biológico e social, todavia, de forma singular e diferenciada dos outros grupos religiosos anteriormente elencados, desenvolvem um estudo sobre os efeitos do “vício” das “drogas”, que conduz à concepção do uso de psicoativo com efeitos no corpo, que geralmente é negligencia pela esfera religiosa, especialmente pelas religiões cristãs. Podemos perceber este pensamento por meio da fala do Diácono Jônatas:

O nosso ministério se confunde um pouco com essa questão meio que psicológica, científica, pois, não só estudamos o espiritual, mas também estudamos as reações químicas no corpo, seja pelo produto químico ou por uma atitude. Tudo isso causa uma euforia, momento de prazer, então nós estudamos o prazer. Costumamos dizer que o produto ou a atitude não é o maior problema, mas sim a batalha contra nosso próprio corpo. Quando eu consumo um produto estou na realidade colocando no meu corpo uma substância química que vai reagir no nosso corpo e vai fazer uma ligação nos meus neurônios e aquilo vai ficar gravado em mim, o que acontece? Sempre vou buscar essas mesma reação ou esse mesmo estímulo, então a batalha é primeiramente contra nós mesmo.

Ao perceberem os efeitos no corpo físico e na mente se evoca uma batalha, uma, que não é somente dos elementos químicos, mas particularmente, no campo da moral, e desta vez aparece a valoração religiosa, que propõe a temperança e sobriedade, portanto, lança-se uma guerra entre a moral, sustentada no divino e o desejo de continuar usando

os psicoativos, que aqui é sinônimo de vício, ou seja, um aprisionamento, que perpassa nossa consciência coletiva contemporânea, como salienta CARNEIRO (2008, p. 76):

O paradigma moral contemporâneo opôs vício e liberdade, considerando “comportamentos causadores de dependência” como expressão de um tipo “irracional” de consumo, numa inversão do princípio liberal de que o consumidor seria livre em suas escolhas, pois estas corresponderiam a decisões racionais.

No campo religioso brasileiro um segmento que tem desenvolvido forte campanha de combate ao uso de psicoativo, tendo esta prática como Vício, é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), coordenado nacionalmente pelo pastor Rogério Formigoni, a campanha se propõe à “libertação das ‘Drogas’”, mudança de vida ou ainda o Tratamento para cura dos vícios, pelo projeto *Vícios têm cura* realizado em todos os estados brasileiros, especialmente, nos templos centrais de cada capital.

Por este citado projeto foi realizado numerosos cultos, trabalhos nas mídias, como por exemplo, o Site do projeto<sup>16</sup> e publicação de livros, como *A Última Pedra* (2014) e *A mente de um viciado: e os cinco passos para a cura* (2016). Em umas destas obras que o Bispo Edir Macedo faz o prefácio, e mostra como a expressão de vício é interpretada, tem-se: “Qualquer que seja o vício, é preciso saber que ele é um espírito, uma entidade, um encosto que se apodera do centro nervoso da pessoa viciada, controlando sua vontade” (2014, p. 10). Podemos diante disso, perceber como que a essência espiritual, por vezes, é acionada para teorizar sobre “drogas” e atribuindo uma valorização de impotência e fracasso do indivíduo, rendido ao Espírito mal.

## 2.1 Corpo fissurado e os efeitos dos vícios

Os grupos religiosos ao estabelecerem direta ligação entre “Drogas” e vício, cerceando a autonomia e liberdade dos indivíduos, passam a materializar os efeitos tão somente negativos do uso de psicoativos nos corpos viciados, fissurados. Portanto, esta visão tem concebido aqueles que fazem usos de psicoativos, independente de quais sejam, como corpos oprimidos, carentes e não produtivos no campo afetivo e social, ou seja, como cidadãos não úteis para a esfera social e na vida privada.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://sites.universal.org/viciotemcura/>>. Acessado em 11 de maio de 2017.

No desenvolvimento da pesquisa empírica algo fora bem representativo quanto a imagem do “usuário de Drogas” como carente. Registramos como um dado etnográfico a situação em que ao apresentarmos a proposta de pesquisa a um dos pastores responsáveis da Igreja Universal do Reino de Deus, que se tratava de saber dos programas da mesma em referência ao uso de “drogas”, logo fomos encaminhados para os pastores que desenvolvem atividades com moradores de rua e em um segundo momento, os que trabalham com encarcerados. Diante deste fato singular, discorramos sobre a projeção destes indivíduos, que na visão religiosa tende a ter no corpo do usuário, passível de intervenção espiritual e de controle.

O corpo do usuário de Psicoativo, no senso comum, é visto como desconforme à sociedade, recorrendo ao estigma social que envolve o tal uso e disseminando a visão que este usuário é perigoso, doente e morto, ou seja, “um corpo vivo e, no entanto, desqualificado como vivo” salienta TIBURI (2013, p. 107), pois para viver é preciso trabalhar, estudar, produzir e estas atitudes são negadas ao usuário de psicoativo pelo pensamento na esfera social como fruto da mentalidade proibicionista e da moral cristã inquisitorial, em que o prazer do corpo é oposto ao racional, ao lógico, ao produto.

Considerando a interpretação religiosa, o corpo é tido como espaço de morada da essencial divina, portanto, a anatomia física deve ser usada para si, mas como propósito o extramundano, sendo este um desafio constante e de luta contra os prazeres carnis (pecado), sendo os psicoativos aqui abarcados.

O pastor da ICMG apresenta-nos este dualismo, que se configura entre “Droga” que serve para denegrir ou ainda suja contra Deus/Espírito Santo, que edifica, como expõe:

Porque tudo aquilo que vem denegrir seu corpo, nós compreendemos que na palavra de Deus nós somos templos, na medida, em que aceitamos Jesus Cristo como único e suficiente salvador passamos a ser morada do Espírito Santo, templo e morada dele. Sendo assim, compreendemos que esse corpo que já não é mais nosso, mas temos uma responsabilidade com ele, pois, algo muito maior, supremo, universal habita dentro de nós e acredito que como você ninguém gostaria de habitar num templo sujo, em algo que fosse corrompível, fosse não habitável, assim também é o Espírito Santo de Deus. Imagine um ser totalmente soberano, perfeito, habitando em nós então ele espera que tenhamos total prudência e total responsabilidade com esse corpo onde ele está habitando, onde ele faz morada.

Assim, o cuidado com o corpo, que é comprometido com o uso de elementos alteradores da consciência, deve ser exercido com constância e o contrário a isto passa a ser considerado como atitude irresponsável. Seguidamente, o Pastor Jaime continua dissertando sobre a importância, na visão do grupo, da sobriedade, mesmo ao reconhecer que múltiplas são as motivações para o uso de psicoativos, mas ao desconsiderar este reconhecimento centra que o principal é manter o corpo espiritual não marcado pelo “prazer sujo” provocado pela droga, no corpo materializado. O Pastor disse:

Existem várias solicitações que favorecem para que as pessoas sejam usuárias de drogas, mas isso não minimiza a sua responsabilidade de usá-las, pois isso vai denegrir seu corpo e conseqüentemente, voltado ao mesmo assunto, é algo que está acabando seu corpo espiritual, mas não podemos deixar de falar do corpo físico também que está perecendo.

Nessa perspectiva, o indivíduo, é visto como aquele que sai do controle, se desvia da unidade social, que perpassa ou se fundamenta na unidade com Deus. O uso de substâncias psicoativas como distanciamento da sacralidade, como Antonio ESCOHOTADO (2008) nos mostra, é um produto do longo processo de sujeição dos corpos desenvolvido na sucessão de significativos eventos históricos pautados nas morais cristãs.

Este pensamento também se encontra incentivado na Igreja Adventista, caracterizando o Protestantismo Tradicional, em que a negação de elementos que podem conduzir ao vício, pode comprometer o “serviço” à Deus que se realiza durante toda a vida, inclusive, nas ações como cidadão e ator político, sendo o sacrifício da carne como expressão de gratidão ao divino. Demonstrou o Pastor Zenivalter Silva:

Em Cristo eu escolho fazer o que ele quer. O que acontece? Pessoas que não têm esse princípio de que eu sou um servo de Deus, que o meu corpo é um templo do Espírito Santo, por que que eu não bebo? Não fumo? Por que na igreja Adventista não usa café, cigarro ou maconha? Se evita essas coisas que não são saudáveis, num é para ir para o céu, pois, isso não vai dar salvação para ninguém, a salvação está em Cristo Jesus, mas sendo eu servo de Deus a bíblia me diz que sou templo do Espírito Santo, então para agradar e agradecer esse Deus que me criou e que me salvou, que me mantém vivo pela sua misericórdia.

LE BRETON (2007), em *Adeus ao Corpo* desenvolve a interpretação da importância ou do papel do corpo na sociedade contemporânea. Para isso o antropólogo recorre a noção de Identidade, ao usar a imagem do “*Corpo Próprio*”. Ao termos este “Corpo próprio”, temos uma identidade, que por sua vez é plástica e alterável. O uso de psicoativos altera esta identidade nos momentos de euforia e das reações químicas que conduz ao resignificar-se COSTA; PEREIRA (2013, p. 396). Para o religioso isto se configura como alarmante, considerando que tende a leva-lo a esquecer a identidade religiosa inculcada em si, e portanto, que guarda em si uma parte ou o total de Deus.

Assim, vemos articular-se uma concepção teológica do corpo, como receptáculo de Deus e junto a isso o controle do corpo e junto a isso das emoções que induzem ao pecado. Esta associação é constantemente evocada na cristandade. Todavia, esta interpretação perpassa o posicionamento dos Daimistas, em que ao estabelecer a diferenciação do uso de psicoativos dentro e fora do rito e do espaço religioso, se percebe as marcas do regramento e condenação aos usos distintos ao da religião.

O Daime tem regras né, então não é chegar lá e “ah, vim tomar Daime”, “é de qualquer jeito”, não é assim! Por isso, que muitos nem ficam eu já estou falando isso, num é nem só em relação a pessoas, que usam drogas, que nos procura, mas outras pessoas... ah, o Daime é uma coisa, você vai lá e toma... que expande a consciência... é expansão de consciência? É! Sim! Mas dentro tem as disciplinas também, tem as regras, tem as normas, num é que chegar lá, pode se comportar de qualquer jeito, porque não é assim.

É acionada, assim, a questão da norma, da disciplina, da quantidade exata do uso de psicoativo e com um sentido superior ao do lazer ou considerado irresponsável. Entendemos diante destas colocações que o discurso religioso, mesmo nas vertentes daimistas, também propala, junto à políticas proibicionistas, a mídia entre outros grupos sociais, um discurso estabelecido de controle do corpo. Sustentamos isso quando encontramos nos discursos religiosos relações entre o corpo do “drogado” e as imagens de desleixo e mendicância, por exemplo, podemos dizer que estamos vendo reproduzida uma faceta da biopolítica, da necessidade da “domesticação” dos sentimentos prazerosos, como discorreu Michel FOUCAULT (1995). O discurso religiosos, portanto, se reporta ao corpo como inviolável pelo agente externo.

## 2.2 A ação das “drogas” nas três esferas do homem: Corpo – Alma – Espírito

As noções de dietética, de sobriedade e do corpo sadio, compartilhadas na esfera religiosa, também levam à marginalização do uso de psicoativos, segundo a compreensão de que suas composições químicas deturpariam o corpo material, que é algo sagrado, pertença divina, no entanto, não o corpo por si só, mas por abarcar a alma, que ressuscitará, segundo a visão predominantemente cristã, mas também o perigo da própria condenação da alma e punições posteriores, como pensa CARNEIRO (2008, p. 71):

O modelo psíquico moderno constituiu-se historicamente. Uma centralização religiosa em torno à imagem nuclear de uma divindade atômica, mas tripartite, como monoteísmo, equivalia a uma nuclearização da alma tornada única e imperecível, sujeita a condenações ou salvasões perpétuas e ligada sempre a um único corpo, perecível, mas passível de ressurreição.

Nisso, tem-se na construção cultural da modernidade da civilização ocidental o enfoque na salvação da alma e no regramento das pulsões, para uma contrição espiritual com a essência divina. Este pensamento ou interligação entre Corpo – Alma – Espírito foi ressaltado significativamente na fala do Pastor Jaime da ICMG:

Nós somos seres tricotômicos: corpo, alma e espírito, a palavra de Deus nos orienta que a queda do homem, para a queda do homem acontecer primeiramente ela aconteceu no reino espiritual, então, compreendo eu diante de minha leitura bíblica, estudos, que antes de vivenciarmos tais práticas aqui no reino físico, no reino espiritual ela já está acontecendo em alguma demanda, e isso vem refletir aqui no nosso reino físico.

Assim, a interpretação religiosa como característica do pensamento pentecostal protestante interpõe as três dimensões do indivíduo como interligadas, mas as categorias espirituais possuem caracteres mais significantes. Portanto, o uso de psicoativo é visto como causador de problemas físicos, no corpo, todavia, isto se dá primeiramente na dimensão espiritual, onde há alguma doença ou interferência conduzindo o indivíduo ao pecado, que resulta na ação errada do corpo.

Pensamento semelhante expressou o Pastor Kleber Maia, da Assembleia de Deus, que assegura o indivíduo como integral, ou seja, Alma, corpo e espírito, onde os

efeitos químicos no corpo são prejudiciais, todavia o espiritual já não é mais visto como o espaço mais frágil, como na Igreja Maravilhosa Graça, mas passa a ser visto como dimensão comprometida quando se faz o uso na dimensão física, corpórea. Expressou o Pastor:

A igreja enxerga o viciado, o drogado como uma pessoa carente que precisa de ajuda, claro que nós entendemos que toda forma de vício é danoso ao corpo humano e, portanto, danoso também para o ser humano como um todo, pois enxergamos o ser humano como um ser integral e que possui corpo, alma e espírito. A droga em qualquer nível desde a bebida alcoólatra até ao crack, ela traz danos para o corpo e, portanto, danos para o ser como um todo.

De forma conclusiva, ainda na vertente Protestante Tradicional o Pastor Luís de França da Convenção Batista, expos:

Tudo nisso, todo esse trabalho tem a questão, da explanação da bíblia, a gente num tenta tratar do ser humano na questão material, mas também espiritual, nós entendemos que estas duas coisas trabalham em conjunto, por que o ser humano precisa de Deus, não dá pra dar só o material, o espiritual ele encaixa essa questão na necessidade do ser humano da pessoa de Deus.

Acessamos, assim, a concepção do indivíduo como além do físico, mas o enfoque com maior eficiência no processo de sanar as necessidades do ser humano, como dissertou, “se dá em dar Deus”, ou seja, oferecer a postura e a prática cristã como prioritária, sendo a dimensão física em condição secundária.



### **3. AS “DROGAS” COMO COMPLICADOR PARA O EXERCÍCIO PLENO DA CIDADANIA**

Temos acompanhando que as vertentes religiosas têm incidido de forma constante no discurso sobre uso de psicoativos, às vezes evocando uma interpretação de cunho social e médico, mas também persistentemente o fundamento na teoria de vida cristã. É prudente reconhecer que os atores religiosos estruturadores do pensamento ali difundido são os próprios membros da sociedade e não indivíduos apartados dela, ou seja, são formados na sociedade que reprime o uso de psicoativo e incentiva a formação de corpos produtivos. Todavia, rememoremos que a Religião assume papel fundamental, ou ainda um papel destacado na *Construção Social da realidade*, como dissertaram BERGER E LUCKMANN (1994). Assim, a sociedade tem na religião um respaldo moral e ascético na construção dos indivíduos.

Desta maneira, vemos na religião a reprodução do pânico moral, que na sociedade hegemônica é visível quando se fala do uso de “drogas”. Este Pânico, se expressa através de formas discursivas localizadas, transitórias, profundamente enfáticas e adaptada ao objetivo de alcançar a visibilidade e a atenção pública, ou mesmo a adesão pela voz pública. Tais formas discursivas possuem uma natureza performativa que usa a mídia como meio privilegiado de divulgação. MACHADO (2011).

Em outro momento discorremos que a filosofia religiosa desenvolve sólida reflexão em que o corpo é tido como “porta-deus”, e para tanto se nega uso de psicoativo, por ser “sujeira” do mundo, naquilo que não lhe pertence. Junto a isso, por vezes repetidas, se percebe nos discursos a marginalização das “drogas”, por ser uma expressão da falta de Deus.

Portanto, a fraqueza humana que tendência ao uso de elementos alteradores da consciência, segundo a visão religiosa, pode ser vista como resultado da falta de Deus, ou a ausência dele na vida do indivíduo. Para tanto, é proposto aos indivíduos, que ao encontrar-se com o divino há a anulação desta falta, preenchendo com a fé e a prática religiosa a dimensão espiritual e em consequência haverá a estabilização na dimensão física e psicológica.

#### **3.1 Os psicoativos e a concepção moral cristã**

A dimensão religião, considerando os discursos dos líderes, trata-se de estabelecer as regras para o bom convívio social, e antes de tudo, para estabelecer ligação direta com o divino, que faz do indivíduo um bom cidadão sendo esta uma das fundamentações do processo catequizante da religião, como mostra a socióloga Neide MIELE “O mundo sagrado é o universo das interdições, enquanto o mundo profano corresponde ao das transgressões. Nesse sentido, é um fenômeno interno que se completa no externo” (2006, p. 18). Ao considerar isto, se reconhece a motivação do agir da religião no mundo interno, mas também no externo – fora dos muros físicos e simbólicos da religião, ou seja, na sexualidade, nas formas alimentares e no entretenimento/lazer.

Acompanhamos as formulações dos religiosos sobre a relação o uso de psicoativos e falta de comunhão com Deus. Expressou o Padre Robério Camilo:

Mas olhando do ponto de vista religioso eu digo sempre droga é falta de Deus, entendeu? Se a pessoa encontra Deus... eu gosto sempre de lembrar que droga não é um caminho sem volta, um beco sem saída e tal, qualquer pessoa que encontra Deus, encontra libertação, ele reencontra o sentido da vida, pois ele encontra sua origem e a origem da gente é Deus, agora o mundo está virado do jeito que está.

O trânsito, portanto, se expressa no formato em que a falta de Deus conduz às “drogas” e o (re)encontro com ele o faz “liberto” das essências psicoativas e das mazelas associadas ao uso. Diante disso, é recorrida a noção de escravidão para aqueles que não vivem pautados na prática da religião, ou consomem “drogas”, pois ela (a religião), como presença de Deus no mundo, é vista como reguladora, controladora, que conduz à uma liberdade espiritual e social que é comprometido com o uso de psicoativos, todavia, isso se dá ao escravizar ou anular as liberdades outras.

Ainda segundo o Padre Católico, esta falta de Deus nos indivíduos se dá não só de maneira individual, ou seja, indivíduo – Deus, mas como resultado da perda do coletivo com Deus, assim sendo, Humanidade – Deus/Moral/Princípios virtuosos. E isto se configura com uma situação caótica. Disserta:

Então do ponto de vista religiosos é falta de Deus, é enfraquecimento das religiões, do elemento religioso em si, que não tem comando né? Hoje a religião não tem comando sobre a metade da população, juntado todas as religiões, então os líderes religiosos ao começar do

Papa, o papa diz uma coisa... ou melhor ao começar de Jesus, no evangelho diz uma coisa e nós vivemos uma coisa completamente diferente, imagina o padre, o papa, o pastor do bispo... os apelos do mundo são muito mais atrativos, então eu acho que essa falta do religioso, da fé, do temor de Deus, sabe? É o que causa. Que é o elemento regulador das nossas ações.

A fé, portanto, deve desempenhar papel de regulador das emoções, vemos reacender a associação do transgressor no indivíduo que usa psicoativo, como aquele que quebra as regras, ao quebrar as regras as formas de religião ou perdão é pela prática da conversão no campo simbólico e religioso, inclusive, este que nega o uso de psicoativo pela via da prática religiosa é considerado como o herói ou ainda como aquele que consegue ser mais forte que a “droga”, assim, ainda no campo simbólico a sociedade junto aos religiosos atribuem prestígios múltiplos, ao passo que, se comprometem a exigir e fiscalizar esta postura resistente ao pecado ou a transgressão em todas as dimensões do indivíduo, afinal este agora não é tão somente responsável por si, mas também pela parcela do divino que se encontra no indivíduo.

Na IURD também nos deparamos com o fator da não vivência da fé, no caso a protestante, como determinante para o empoderamento dos Espíritos Malignos, que são personificados nos vícios, incluindo diretamente o uso de psicoativo, que conduzem à morte.

Considerando o exercício etnográfico realizado no culto do dia 4 de Outubro de 2015, o pastor Rodolfo se direcionava aos fiéis que participavam do culto do projeto “Vício tem cura” orientando-os que abandonassem os 12 passos difundidos nos grupos de Alcoólicos Anônimos (AAs) e Narcóticos Anônimos (NAs), a medida que, aderissem os 7 passos que são necessários e suficientes para vencer o vício, sendo eles: Entregar-se por completo a Jesus; Pedir a presença e a condução constante do Espírito Santo; Não abandonar o tratamento da cura dos vícios; Obediência; Dízimos e Ofertas; oração e jejum como forma de ser temente a Deus e por fim dizer não as tentações do mundo. Podemos ter acesso a um pensamento em que a religião, consegue domar todas as dimensões do indivíduo e como resultado tem-se o não desejo do consumo dos psicoativos. Estes passos, portanto, são todos fundamentados na visão que conduz o olhar do usuário de “drogas” como sem intimidade com Deus.

Para estabelecer a intimidade necessária, cita o Pastor FORMIGONI (2016, p. 103):

A chave para a minha libertação foi permanecer na fé e na obediência. Quem quer seguir meu caminho precisa ser fiel a Deus e obedecer à programação da Igreja Universal rigorosamente, mesmo tendo que enfrentar lutas, perseguições, dificuldades, preconceito e, às vezes, até a pura e simples falta de dinheiro para o ônibus. nesses dias você deve ir a pé mesmo.

Pensamento semelhante é compartilhado pelo Adventista, que estabelece o uso de elementos alteradores da consciência como um erro tendo como causa a não comunhão com Deus. Com isso, a doutrina religiosa e a vida pautada nela são acionadas para justificar o que motiva o indivíduo a cometer “erros” e viver de forma insatisfeita na sociedade. Vemos isso quando afirma:

No caso das drogas a pessoa que não tem comunhão com Deus, não só tem problema com drogas, mas ela tem problemas com casamento, problemas diversos na vida, né? Um indivíduo que não tem comunhão com Deus geralmente ele é... Arrogante, egoísta, trapaceiro, ladrão, mentiroso... Então a falta de comunhão com Deus o faz ter um leque de oportunidades para cometer erros.

Apercebamos, que numerosos indivíduos que fazem usos de substâncias alteradoras da consciência, segundo o Pastor, são grosseiramente vitimados e classificados como pessoas sem caráter ou totalmente desprovidas de qualidades sociais e psicológicas. Vemos isso quando se evoca expressões “Arrogante, egoísta, trapaceiro, ladrão, mentiroso”. Este pensamento Tradicional Protestante aqui compartilhado, portanto, pode ter como origem a colocação Calvinista da Teoria da Predestinação, visto que, o indivíduo faz uso de elementos negados por Deus, o faz por não pertencer a ele ou ainda, o fato de não ser predestinado, não tem a luz, por isso, o indivíduo faz uso dos psicoativos.

Estas práticas na dimensão social de boas regras, ou seja, da vida em comunidade harmoniosa e fraterna são ancoradas na lente espiritual, pois a religião tende a estabelecer justificativas e sentidos que estimulem a vida prudente em nome de uma salvação posterior, como assegurou BERGER (1995 p. 41). Esta moral se propõe a estabelecer regras nesta dimensão física para um usufruto espiritual após a morte e o fato do uso de psicoativos passa a ser um agravante comprometedor de todo este sistema quando é visto como um erro, praticado por quem não tem a Deus, segundo a visão adventista.

No entendimento do Pastor Presbiteriano, não é usada a expressão de “Falta de Deus”, como fator determinante que motiva a busca pelo uso de “drogas”, mas fala-se em outra falta, sendo agora a “falta de sentido”, mas que só pode ser suprida com Deus, portanto, é um pensamento concorde com o exposto anteriormente. Expressou o Pastor Flávio Américo:

Uma outra coisa que vai problematizar no âmbito religioso e que é uma forma como a Igreja tenta pensar a questão das drogas, diz respeito ao porquê que as pessoas acabam buscando o uso de drogas. Essa questão não é fácil, pois são vários fatores, não tem como você colocar uma questão de fator. Mas há uma falta ou você vai ter uma forma de fuga da realidade, então tem como ... um problema do uso de drogas como uma tentativa de saciar um pouco dos desejos, ou procurar um sentido ou se anestesiar pela falta de sentido, então a Igreja, como alguém que lida com o sagrado ela diz que sabe qual é esse sentido, e esse sentido já que somos cristãos dizemos que está em Deus.

O pensador Mircea ELIADE (2010, p. 171) compreende que os valores religiosos buscam com veemência solucionar problemas, inclusive, os de crise de sentido, pois nela a origem da vida e da história é Deus, portanto tudo se deve voltar a ele enquanto que só ele pode ser o agente que soluciona a dor, com isso, outras formas são tidas como marginais ou contrárias a comportamento agradável a Deus. Esta condição de pensamento propala mais uma vez a visão espiritualizada.

### **3.2 Desdobramentos da moral: Uso de “drogas” como desagregação familiar**

Segundos os religiosos os usos de psicoativos são, em sua maioria ou totalidade, negativa e desagregadora no campo religioso, afetivo e social. Estas interpretações que os líderes crentes têm difundido são localizadas, sobretudo em concepções valorativas e numa moral. A falta desta moral acompanhado de outros fatores conduz os indivíduos aos usos destes elementos, considerados como errados. Ademais, a moralização é acionada não só como causa, mas como comprometida, especialmente, na dimensão familiar. Acompanhemos recortes que nos dão subsídios para percebermos esta leitura.

O Papa João Paulo II, que ficou à frente do catolicismo de 1978 à 2005, registrando 26 anos de pontificado desenvolveu expressivo combate ao uso de “drogas” associando ao que denominara de “Cultura de Morte”, que o levou a discursar no

encerramento de uma Conferência Internacional sobre os problemas das drogas e do alcoolismo que aconteceu em Novembro de 1991 em Roma, momento, assim como em outras oportunidades, expressava forte crítica aos governos que estavam assumindo posturas de legalização do uso de “drogas” como traz Ronaldo LIMA (2009 p. 30) e apoiando, indiretamente, a guerra às drogas, por estabelecer com veemência a oposição entre Vida e “Drogas”.

A Igreja Católica Apostólica Romana continua desenvolvendo uma sólida reflexão contra o uso de psicoativos e seus usuários, isto por meio de documentos oficiais emitidos pela Santa Sé de Roma. Exemplo disto foi o resultado da conferência realizada em São Paulo no ano de 2007, que reuniu clérigos da América Latina e do Caribe junto ao então Papa Bento XVI, que traçou novos rumos para o Catolicismo, tendo como cunho forte as questões políticas e sociais. Por vezes, repetidas o documento ali elaborado traz o uso de psicoativo como complicador para vivência da paz e da harmonia social, além de mostrar tal uso como sinônimo de narcotráfico. Tais elementos são denominados, pelo documento, como “mancha de óleo que invade tudo”. (2007, p. 188). Percebemos que esta visão é replicada não só nos discursos oficiais da Igreja, mas, vemos reproduzida na fala do entrevistado, onde falar de “drogas” é falar de tráfico.

Poderemos observar, por conseguinte, esboçada os desdobramentos desta visão oficial da Igreja Católica no discurso do entrevistado desta pesquisa, desenvolvendo-se a exibição de um discurso predominante no catolicismo que é o chamado nas pesquisas de Fabrício OLIVEIRA e Arnaldo ZANGELMI de “discurso comum institucional”, em que todos os religiosos tendem a assumir para si a visão da instituição como seu próprio entendimento, isto “tendo em vista a grande preocupação com a coesão institucional e a harmonização das diferentes visões de mundo do papel da Igreja Católica para a vida social” (2010, p. 290).

Diante disso, o Padre da Pastoral da Sobriedade recorre à questão familiar, muito difundida e incentivada na esfera católica, como responsável pelo problema das “drogas”, pois esta instituição como outras de objetivo comum, que o de formar “bons cidadãos” têm sofrido por ressignificações, que na fala do religioso é considerado como complicador para o bem social. Disse ele:

Então eu acho que, a droga está se fortalecendo, pois as instituições estão se enfraquecendo, família, escola e religião. Ou seja, o mal está se fortalecendo porque as instituições que trabalham o bem estão se enfraquecendo. Então, é... relaciona droga a isso aí. Aí depois tem o comércio que rende muito dinheiro, gera renda para os que vivem disso, tem muita gente que sustenta a família dessa venda mesmo, então quanto mais for difícil um emprego ou sei lá mais o que aí vem a facilidade de estar ali, isso falando do ponto de vista do usuário e do que vende em si.

A questão familiar é muito citada na esfera religiosa, no sentido de valor e como espaço de formação de novos indivíduos, todavia, o Pastor da Igreja Batista Regular, de forma representativa dos segmentos protestante tradicionais, demonstra que a orientação afetiva é determinante para direcionar os filhos ao não uso, mas ao mesmo tempo elenca quais os formatos de famílias podem desempenhar com efetividade esta intervenção, sendo elas as que frequentam o espaço religioso. Inclusive, o exercício da religião é tido como um encaminhamento seguro para o não uso, tido como transgressor e as famílias que nela se inserem são julgadas como modelos. Acompanhemos a fala do Pastor Batista Regular:

Às vezes ou até a maioria das crianças aqui, que temos notícias que se envolveram com drogas, foram assassinadas, são filhos de pais separados, às vezes criados só com a mãe, criada na rua, então são presas fáceis para se envolverem com drogas, então não vejo essa questão, então essa questão espiritual vem de uma base também, de uma base familiar, é claro que uma família que têm filhos, nascem dentro da igreja é claro que possuem uma estrutura espiritual.

A assertiva valorativa que circunda a privação do uso de psicoativo também é difundida no próprio contexto religioso do Santo Daime. Disse a daimista:

Então realmente o problema das drogas, eu acho muito devastador, desagrega e é muito grave, que merece uma atenção muito especial, um programa, que seja realmente voltado pra ajudar essas pessoas, pois a questão das drogas é uma coisa assim que desagrega famílias.

A desagregação das famílias, ou seja, a concepção de desordem, desajuste é vista como resultante máxima do uso de substâncias alteradoras da consciência, em concordância com o que se é assumido na esfera pública. Esta forma de compreender tem desencadeado aversão ao debate de maneira mais reflexiva, onde os meios

religiosos têm tentando assumir a responsabilidade de sanar o “problema das drogas”, que, mormente, é causador das mazelas sociais, por comprometer o consenso moral hegemônico.

Ademais, acessa-se aqui uma interpretação galgada de moralismo exacerbado, enquanto que a religião citada faz uso de entorpecente que apresenta em si a substância psicodélica dimetiltriptamina (DMT), que segundo organismos internacionais é uma das classificadas com elevada carga de perigo para quem faz uso dela.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos acesso, portanto, a uma discursão que apresenta desdobramentos persistentes entre a relação drogas, religião e cidadania. Os psicoativos que desde o início do seu uso religioso e recreativo até os contextos hodiernos passaram por ressignificação. Assim, percebe-se que os valores religiosos, situando historicamente estejam colocando limites morais e gerando vínculos sociais que dificultam a opção pelas drogas, na proporção em que se demoniza o uso, com consequências sociais.

Conforme os resultados desta pesquisa têm demonstrado, os discursos das lideranças religiosas entrevistadas estabelecem relação entre as “drogas” e o sagrado. É importante notar que até mesmo a liderança do Santo Daime não deixa de apresentar um discurso negativo sobre as “drogas”. Há uma combinação entre as duas visões, da “droga” como algo sagrado que permite o acesso privilegiado ao transcendente divinal e da “droga” como algo que desvirtua o sujeito, liga-o a uma situação negativa e a comportamentos nocivos. Quando a pesquisa encontrou somente o tom negativo sobre as “drogas” no discurso religioso, foi possível perceber também a existência de modulações neste discurso. Alguns eram mais enfáticos a demonstrar que o uso de drogas possui causa espiritual diretamente relacionada à atuação do demônio, e outros, diferentemente, admitiam a existência de um desequilíbrio físico, comparado ao vício, combinado com um desequilíbrio espiritual como causas do uso de drogas.

Considerando a espiritualidade religiosa, principalmente protestante pentecostal, o uso de “drogas” é visto como intervenção de caráter espiritual. Assim, tem-se uma guerra entre o Espírito Santo – Divino, com o Espírito maligno – personificado na “Droga”. Assim, as medidas de prevenção e de combate/”recuperação” perpassam pelas práticas da oração e/ou com a expulsão das possessões espirituais malignas.

De forma significativa vimos nos dados empíricos a concepção que o “problema das drogas”, tem como causa a desagregação da noção humanista dos atores sociais, onde se foca e deseja tão somente o lucro, as relações se tornam frias e desumanas gerando assim um pânico moral social, manifesto no *Medo Líquido* BAUMAN (2006, p. 9-10). Diante disso, se desemboca uma angústia emocional ao buscar a felicidade e a satisfação pessoal, que como ressalta FREUD (1978, p. 9) é um percurso angustiante. A

religião prontifica-se para orientar que as “Drogas” tenderam apenas a aumentar a carência socioafetiva.

Esta intervenção religiosa, com seus valores e princípios morais, no contexto dos referidos usos se fundamenta no duelo que permeia o universo religioso e é tido como “campo de batalha” para o crente que é estar resistente às tentações espirituais que induzem para definhando o corpo físico e social. Há, assim, a oposição entre Profano contra o Sagrado, onde o mundo, aqui se incluem as “drogas” diretamente, é o profano, ao passo que, a virtude religiosa projetada nas práticas ritualística e na forma de vida pautada na filosofia do grupo é a esfera sagrada. E isso, mesmo entre os daimistas que fazem uso sagrado de uma “droga”.

O historiador Mircea ELIADE disserta sobre esse processo quando cita “são múltiplos os meios por que se obtém a santificação, mas o resultado é quase sempre o mesmo: a vida é vivida num plano duplo; desenrola-se como existência humana e, ao mesmo tempo, participa de uma vida trans-humana, a do Cosmos ou dos deuses” (2013, p. 137). Assim o ser religioso é convocado para em sua existência e estrutura de vida caótica aderir ao trans-humano, e como temos acompanhado o uso dos psicoativos não se inserem na vida santificada, mas ao contrário, agem como complicador, pecado por ocasionar prazeres carnis e emotivos.

Este processo, portanto, de busca incessante ao trans-humano e, desta forma, de negação à vida preenchida de pecado é um valor primordial para o não uso de psicoativos, por serem que esta ação de renúncia do mundo é um desejo de Deus, ao mesmo tempo em que, o indivíduo assume ser “recipiente” de Deus, como traz Max WEBER (1982, p. 228) em seus ensaios. Diante desse pensamento é que a religião se insere no debate sobre “drogas”, propagando a rejeição dos prazeres tidos como mundano em nome de uma salvação, pós-morte, que encontrou nas camadas mais simples e populares espaço para maior intervenção.

Diante deste dilema ainda recorrendo ao pensamento de ELIADE quando se esforça refletir sobre a atuação do sagrado e do profano no mundo moderno, o teórico apresenta forte crítica a participação da esfera religiosa na modernidade, especialmente, por concebê-la como a dimensão que inibe a liberdade, fazendo até mesmo o ser a-religioso submerso aos seus princípios valorativos, ou ainda a moral religiosa, onde se inclui a concepção de sobriedade, que fora incrementada no início das políticas proibicionistas. Para tanto cita que “O homem só se tornará ele próprio quando estiver

radicalmente desmistificado. Só será verdadeiramente livre quando tiver matado o último Deus” (2013, p. 165).

À luz da teoria de Michel Foucault, mesmo reconhecendo que sua interpretação se fundamenta na governamentalidade, ou seja, o governo de Estado, podemos perceber a religião procedendo de forma a estabelecer um papel de Poder Pastoral sobre os indivíduos, com o real objetivo de salvar as almas, sendo que para isso é necessário o controle dos assistidos pelos pastores, assim como, aderir às técnicas para alcançar a salvação, como tem-se em FOUCAULT (2008, 127 - 132). Diante disso, o controle do corpo e das emoções é uma via essencial para a salvação.

Ainda segundo FOUCAULT (1995, p. 47), podemos perceber quanto ao controle do corpo como técnica de galgar salvação e para o bem estar social, que:

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.

Entendemos diante destas colocações que o discurso religioso também propala um discurso estabelecido de controle do corpo, principalmente entre os grupos religiosos que possuem comunidades terapêuticas ou grupos de ajuda mútua para pessoas que usam drogas, como na Igreja Católica por meio da Pastoral da Sobriedade. Quando encontramos nos discursos religiosos relações entre o corpo do “drogado” e as imagens de desleixo e mendicância, por exemplo, podemos dizer que estamos vendo reproduzida uma faceta da biopolítica.

Além disso, a percepção depreciativa sobre o uso de substâncias que provocam alterações na consciência e nos sentidos é muito enraizada, sendo assim, esse uso é marginalizado, exceto, segundo a interpretação de alguns grupos religiosos, quando se trata de substâncias que possuem esses efeitos, mas são legalizadas, como o álcool. Presenciamos, assim, o suceder do que chama-se de processo civilizador ao qual somos submetidos se reprime agressivamente as emoções individuais, como expõe VALENÇA

(2010). Diante disso, vemos que a religião, nesse contexto apresenta-se com um discurso que contribui para o “adestramento moral dos indivíduos”.

Em Norbert ELIAS (1993), o controle do corpo e das emoções ensejado com o processo civilizador, assenta-se também no *habitus* formatado por meio de certos grupos que sustentam representações estabelecidas. Pensamos que os grupos religiosos em geral cumprem este papel, conforme o discurso de suas lideranças contribuem com a reprodução destas representações no relativo ao tema das “drogas”.

Diante do debate proposto e desses resultados ressaltados, percebemos que a preocupação ou a teorização do uso de “drogas” suas causas e efeitos estão bem presentes em grande parte dos grupos religiosos pesquisados, tendo mais peso as interpretações e fundamentações espirituais e doutrinárias, anulando parcialmente a contextualização social e bioquímica. Essa preocupação para com as questões sociais se fundamenta na compreensão que esses grupos têm um compromisso para com o seus adeptos e para com todos os membros da sociedade, ao propor uma sociedade mais justa, sóbria e ordenada.

Falta às igrejas politizarem a questão das drogas, tanto em termos de políticas públicas, como em termos de uma política de corpo, em falta às igrejas essa compreensão do que há de político no drogar-se, e no reprimir-se a drogadição, além do reconhecimento em dimensão coletiva, abrangente ao ser social. Ressalta-se que o gesto de se colocar a serviço de pessoas que estão em condição marginalizada ou necessitadas de acompanhamento e intervenção das instituições sociais é uma coisa positiva que as igrejas estão fazendo, porém o conversionismo e o preconceito embutido lança uma sombra nesse gesto. Que podem ser visualizados com o procedimento desta pesquisa em circunstâncias posteriores, ao pretendermos pesquisarmos também os egressos dos “tratamentos religiosos” e demais filiados às instituições e/ou seus familiares.

## REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Gilberta. **A Construção social do “problema” das drogas**. Educação Pública, 2015. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/cidadania/0022.html>>. Acesso em: 25 jul. 2015.
- BARROZO, Victor Breno Farias. **Modernidade Religiosa: Memória, transmissão e emoção no pensamento de Danièle Hervieu-Léger**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.
- BAUMAN Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. 2008.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008
- BERGER, Peter L.. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas. 1995.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 11ª edi. Petrópolis: Vozes. 1994.
- BETTO, Frei. **Drogas e religião**. Jornal O dia. 13 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/opiniaofrei-betto-drogas-e-religi%C3%A3o-1.535056>> acesso em 10 de agosto de 2013.
- BRASIL. Lei Nº 11.343, DE 23 DE AGOSTO DE 2006.
- BRASIL. Portaria Nº 1.028, DE 1º DE JULHO DE 2005.
- CARLINI-COTRIM, Beatriz. **Estranhando o Óbvio**. In: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPOSITO, M. P. (Org.). Juventude em debate. São Paulo: Cortez, 2002.
- CARNEIRO, Henrique. **Autonomia e heteronomia nos estados alterados de consciência**. In: LABATE, B. C. et al. (Org.). Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- CELAM. **Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe**. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas. 2007.
- CUNHA, D Jason B. Della. **Sociologia Jurídica: Direito, cultura e cidadania**. Natal: Ágape, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, trad. Rogério Fernandes. 4ª edi. 2013.
- ELIAS, Nibert, 1993. **O Processo Civilizador**. Vol I e II. Rio de Janeiro; Zahar.

ESCOHOTADO, Antonio. 2008. **Historia general de las drogas: fenomenologia de las drogas**. Madrid: Esapssa.

FONSECA, Elize Massard; BASTOS, Francisco Inácio. **Os tratados internacionais Antidrogas e o Brasil: politicas, desafios e perspectivas**. In.: ALARCON, Sergio; JORGE, Marco Aurélio Soares. *Álcool e outras drogas: diálogos sobre mal-estar contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2012.

FOUCAULT. Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: Graal,1995.

FOUCAULT. Michel. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes. 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Coleção os pensadores. São Paulo: abril cultural, 1978.

GOULART, Sandra Lucia. **Estigmas de grupos ayahuasqueiros**. In: LABATE, B. C. et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

IBGE. 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Religioso. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf)> . Acesso em 18 de junho de 2015.

KARAN, Maria Lúcia. **A Lei 11.343/06 e os repetidos danos do proibicionismo**. In: LABATE, B. C. et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LABATE, Beatriz Caiuby; FIORE, Mauricio; GOULART, Sandra Lucia. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. In: LABATE, B.C. et al. (Org.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papius Editora; 2003.

LIMA, Ronaldo Bernardo de. **A “Terapia do Amor” proposta por João Paulo II, para o crescimento moral de pessoas em dificuldades: Uma resposta à recuperação de usuários de drogas no Brasil** – Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Lateranense, Instituto Superior de Teologia Moral. 2009.

LOPES JR. Orivaldo Pimentel; COSTA, Janaína Alexandra Capistrano. **Drogas e o exercício da religiosidade e da cidadania: Informe de pesquisa**. Revista Inter-Legere Revista do PPGCS/UFRN. Natal RN, n.15, jul./dez., p. 189–205.

LOPES JR. Orivaldo Pimentel. **O espelho de procrusto: estudos religionistas, igrejas evangélicas e conhecimento científico**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-SP, 2003.

MACEDO, Edir. In: FORMIGONI, Rogério. **A última pedra: Vícios têm cura**. Rio de Janeiro: Unipro, 2014.

MACHADO, Laura Paes. **Do crack a Jesus: um estudo sobre carreiras de usuários de substâncias psicoativas em uma comunidade terapêutica** - Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2011.

MATOS, Alderi Souza de. **O Movimento Pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário.** Revista Fides Reformata. Centro Presbiteriano de Pós Graduação. São Paulo. N. 2, 2006, p. 23-50.

MIELE, Neide. **Espaço Sagrado, Espaço Religioso.** Revista Diálogo: Revista de Ensino Religioso. São Paulo, n. 42, p. 14-18. 2006.

OLIVEIRA, Fabricio Roberto C.; ZANGELMI, Arnaldo José. **Dialogando com a Igreja Católica: fontes orais e discurso institucional.** Cadernos de Estudos Sociais. Vol. 25, nº. 2, jul/dez., 2010.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos, RJ, Brasil.** Revista Interface. Botucatu. v.19 n.54, jul./set. 2015.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religião e classes populares.** Petrópolis: vozes. 1980.

SANCHEZ, Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. **A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas.** Revista de Psiquiatria Clínica. 34. 2007

SIMMEL, Georg. **Religião: Ensaios.** Vol I. São Paulo: Olho d'água. 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. **Prefácio.** In.: LABATE, Beatriz,. C. et al (orgs.) Drogas e cultura: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA. 2008.

TIBURI, Márcia; COSTA DIAS, Andrea. 2013. **Sociedade Fissurada: Para pensar as drogas e a banalidade do vício.** São Paulo: Civilização brasileira.

TOKATLIAN, Juan Gabriel. **Drogas y religión.** Página 12. 11 de julho de 2014. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-250511-2014-07-11.html>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

VALENÇA, Tom. **Consumir e ser consumido, eis a questão! Parte II: outras configurações entre usuários de drogas numa cultura de consumo.** Tese de Doutorado - PPGCS, UFBA, Salvador. 2010.

VARELLA, Alexandre C. **Sobre a resistência alucinógena dos índios através do relato dos “extirpadores da idolatria” (Nova Espanha - início do séc. XVII)** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. 4ª edição São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Trad. Waltensir Dutra. 5ª edição. Rio de Janeiro: TLC. 1982.